

Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Mirna Maria Filomena Gonçalves Rodrigues Bernardo

“Juventudes e lazer: Que significação é atribuída pelos jovens aos tempos e espaços de lazer quando frequentam os escuteiros”

Orientadora: Professora Doutora Ariana Cosme

2013

Resumo

A sociologia da Educação deu um contributo importante na explicação da problemática das juventudes. Para uma abordagem mais ampla da temática, considerou-se relevante integrar diferentes dimensões bem como não considerar a juventude como um grupo de indivíduos pertencentes a uma geração de uma determinada faixa etária uniforme e homogénea mas como um grupo social diversificado em termos de classe social e económica com interesses diversos e oportunidades diferentes (Pais, 1990)

Estas sociabilidades estruturam-se em função dos “tempos quotidianos” de que fala Pais (1996:164) e que nos levam a distinções entre lazer e tempo livre. É importante a definição destes dois conceitos que apesar de relacionados são entendidos e sentidos de forma diferente pelos jovens. Para os jovens, os diferentes espaços ganham um significado cultural e social especial, quando relacionados com as atividades aí desenvolvidas e com quem os frequenta.

As famílias têm um papel importante na vida dos jovens sendo proativas nas escolhas, tentando encaminhar a escolha para uma escolha que, em seu entender pode contribuir para o sucesso pessoal, académico e profissional.

Pretendo averiguar, em primeiro lugar, se quando um(a) jovem escolhe ser escuteiro(a) o seu desenvolvimento educativo/ formativo é influenciado por um contexto em que a aprendizagem decorre de uma forma de educação não formal, e, em segundo lugar que significação é que os jovens escuteiros atribuem aos tempos e espaços de lazer.

Palavras-chave: Juventudes, Cultura juvenil, Lazer, Tempos livres, Educação informal,

Escuteiros

Abstract

The Sociology of Education gave an important contribute to the explanation of youth problematic. To a more general approach of the subject, different dimensions should be integrated, not to consider youth as a group of individuals that belong to a generation of a determined age uniform and homogenous but as a diversified social group as far as social and economics classes are concerned with different interests and opportunities (Pais, 1990).

These sociabilities are structured according to the “modern times” that the author Pais (1996:164) and that lead us to the distinction between leisure and free time. The definition of these two concepts is important due to the fact that, in spite of being related, they are understood and felt differently by young people. For them, the different spaces gain a special cultural and social meaning when related to the activities performed there and also to the people who attend those same spaces.

Families also have an important role in the life of young people being proactive in their choices, trying to lead them to a choice that, in their opinion, may contribute to personal, academic and professional success.

This study intends to verify if when a young person choose to be a boy or a girl scout, his or her educational/formative development is influenced by a context in which learning takes place in a non formal way. It also aims at checking what the meaning that boys and girls scouts give to leisure times and places is.

Keywords: Youths; Youth Culture; Leisure; Free Times; Informal Education; Scouts

Résumé

La sociologie de l'éducation a joué un rôle important dans l'explication des problèmes des jeunes, pour une approche plus globale au problème de la jeunesse devrait être intégré différentes dimensions , ne pas considérer les jeunes comme un groupe d'individus appartenant à une génération d'un certain uniforme groupe d'âge et homogène , mais comme un groupe social diversifié en termes de classe sociale et économique avec différents intérêts et différentes possibilités (Pais, 1990) sociabilité structuré en fonction du temps quotidien qui parle Pais (1996 :164) et qui conduisent à des distinctions entre les loisirs et le temps libre. Il est important de définir ces deux concepts qui, bien significations et connexes sont comprises différemment par les jeunes. Pour les jeunes, les différents espaces acquièrent une importance culturelle et sociale en particulier lorsqu'elles se rapportent à des activités qui y sont menées, et avec qui assiste.

Les familles ont un rôle important dans la vie des jeunes étant proactif dans la choix, en essayant d'orienter le choix d'un choix qui, à son avis, peuvent contribuer à la réussite personnelle, académique et professionnel.

J'ai l'intention de découvrir si un (une) jeune scout choisit d'être (a) votre développement de l'éducation / formation est influencée par le contexte dans lequel l'apprentissage se déroule dans une éducation non-formelle et ce sens est attribué par les jeunes scouts à temps et l'espace loisirs.

Mots-clés: jeunesse; la culture de la jeunesse; aux loisirs; l'éducation informelle; clairesuses

Agradecimentos

Agradeço à minha família, meu marido e às minhas filhas pela paciência pelo encorajamento

Aos jovens escuteiros das secções dos pioneiros e caminheiros que se disponibilizaram a participar neste projeto.

Aos chefes do agrupamento de escuteiros, em especial à chefe Sónia que desde o início colaborou e criou condições para que pudesse estar com os jovens.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora Professora Doutora Ariana Cosme, pelo apoio, orientação e que nos momentos mais difíceis soube puxar por mim e encorajar-me para a finalização deste desafio.

Índice dos quadros

Quadro nº 1 - Guião para o focus groups _____	47
Quadro nº 2 - Sistema de categorização _____	50
Quadro nº 3 – Caraterização do grupo dos pioneiros _____	52
Quadro nº 4 – Caraterização do grupo dos caminheiros _____	53
Quadro nº 5 – Organização do tempo semanal do grupo dos pioneiros _____	57
Quadro nº 6 – Ocupação dos tempos do grupo dos caminheiros _____	58
Quadro nº 7 – Organização semanal dos tempos do grupo dos caminheiros _____	62
Quadro nº 8 – Ocupação dos tempos dos caminheiros _____	68

Índice Geral

Resumo, Abstract e Résumé

Agradecimentos

Índice de quadros e tabelas

Índice

Introdução	12
I Parte - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
CAPÍTULO I - Educação formal e não formal	16
1. Os campos da educação formal e não formal	16
2. O escutismo: zona de ambiguidade entre o formal e a não formal?	18
3. Animação sociocultural: Uma abordagem como forma de diversificação das práticas e dos projetos de intervenção educativa	20
CAPÍTULO II - As culturas juvenis	24
1. Juventudes e contextos	24
1.1 Os lugares da exclusão/inclusão social	24
2. Culturas juvenis	25
3. O escutismo: uma cultura juvenil?	26
CAPÍTULO III - O lazer	28
1. Tempo livre e lazer	28
2. A simbologia do lazer nas culturas juvenis: O lazer juvenil como forma de expressão da sua autonomia	31
3. Contextos de lazer.	31
4. Juventudes e lazer	33
5. Transições juvenis, imprevisibilidade e percursos na pós-linearidade: Impacto de diferentes trajetórias na educação, trabalho e família	34
6. O escutismo: tempo de lazer juvenil?	35
II Parte - TRABALHO EMPÍRICO	38
CAPÍTULO IV - Pesquisa Empírica e Opções Metodológicas	39
1. Enquadramento e opções metodológicas	39
1.1 Objeto de estudo	40

1.2 Tema e justificação	40
1.2.1. Formulação do problema	40
1.2.2. Questões orientadoras e pergunta de partida	41
1.2.3. Formulação de hipóteses	42
1.2.4. Objetivos da investigação	42
1.3 A investigação qualitativa	43
1.4 A opção metodológica do estudo de caso	43
1.4.1. Campo de análise e sua justificação	44
1.4.2. Período de investigação	44
1.4.3. Limites, constrangimentos e dificuldades sentidos	44
1.5 Os métodos de recolha de dados	45
1.5.1. Pesquisa documental	46
1.5.2. Focus groups	46
1.5.3. Conversas informais	48
1.6. A análise de conteúdo como técnica de tratamento da informação	48
1.6.1. Sistema de categorização	49
1.6.1.1. Identificação de categorias	49
CAPÍTULO V – Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados	52
1. Caracterização do local de estudo de caso	52
1.1. Caracterização do concelho e da freguesia	52
1.2. Caracterização do Agrupamento de Escuteiros	52
1.3. Caraterização da secção dos pioneiros	52
1.4. Caraterização da secção dos caminheiros	53
2. Apresentação e discussão dos resultados dos resultados	53
Considerações Finais	72
Referências Bibliográficas	75
Anexos	

Impede a Tua Própria Canoa

*Não deixes cair teus olhos,
Não te deixes enganar,
Olha de frente os escolhos,
Olha podes encalhar.*

*É urgente estar atento,
Ver para onde corre a maré,
Ver de onde sopra o vento,
Não vás tu perder o pé.*

(Refrão)

*B.B. é quem te diz, oh oh,
Impede a tua própria canoa.
Se queres mesmo ser feliz,
Não te deixes ir à toa,
Impede a tua própria canoa,
Impede a tua própria canoa.*

*A vida não é deserto
Não queiras ficar no cais
Lança rubro é rumo certo
Decide tu aonde vais
Não queiras ficar no cais.*

(Refrão)

(Canção dos Escuteiros)

Novo Rumo

*Um dia a nascer, no céu a procurar
Um novo caminho, um novo lugar;
Uma flor que nasce, criança que sofre
Alguém que se bate num pronúncia de morte.*

*A vida por um fio, não para de crescer.
É tudo um desafio, não há que entender;
Uma peça de jogo no meio do mundo.
Uma prova de fogo num sonho profundo.*

*Ousar um desafio
É viver neste mundo
A vida por um fio
Faz crescer um novo rumo*

*Procura caminhos, novos no mundo
Na vida entre amigos, o amor vem do fundo;
Todo o futuro é sempre um desafio
Que corre inseguro, como água de rio.*

Introdução

Introdução

Este trabalho de pesquisa insere-se no âmbito da dissertação de mestrado em Ciências da Educação, no domínio das Juventudes, Educação e Cidadania.

Começando por apontar as abordagens efetuadas, fazendo referencia ao objetivo e à forma como se foi construindo o objeto de estudo.

Estando de acordo com a afirmação de Marta Vale (2008:14) na sua dissertação de mestrado, que o “objeto de estudo e a problemática não se definem imediatamente após a tomada de decisão de realização de uma investigação em Ciências de Educação”, foi-se construindo e clarificando ao longo da investigação, sendo que, o caminho seguido neste trabalho foi perceber: **quais os significados atribuídos pelos jovens aos tempos e espaços de lazer utilizados quando frequentam os escuteiros.**

Para perceber as especificidades considereirei algumas questões como específicas: A forma como utilizam o seu lazer é em função das suas escolhas? O que os move? São condicionados pelos lugares? Qual a importância da família nessas escolhas? As escolhas serão promotoras da construção social de identidades? Será um lugar de autonomia? Qual o papel dos contextos de socialização da educação não formal?

Para a elaboração deste trabalho construiu-se um corpo teórico que suporte o objetivo de investigação, articulando com a recolha do maior número possível de informação sobre a problemática escolhida para melhor conhecimento desse mesmo objeto de estudo.

A dissertação encontra-se estruturada em duas partes principais, além da **Introdução** e a conclusão com as **Considerações Finais**.

A **I Parte - Enquadramento Teórico**, está dividida três capítulos, sendo que o **Capítulo I** aborda os campos da educação formal e não formal colocando o escutismo numa zona de

ambiguidade em o formal e o não formal, articulado com a problemática da animação sociocultural enquanto abordagem valorizadora dos tempos e lugares de educação que não a escola.

O **Capítulo II** – As culturas juvenis, fez-se um enquadramento do escutismo, enquanto prática, relativamente à problemática das juventudes e culturas juvenis.

No **Capítulo III** – O lazer, constrói-se uma abordagem indissociável do conceito de juventude, porque falar de juventude não é só falar de contextos educativos mas também pensar nas transições para o mundo do trabalho, na construção da sua identidade como elementos da sociedade, e para o caso deste trabalho, abordou a forma como os jovens pensam e usam o seu tempo livre e de lazer, encaixando os jovens frequentadores dos escuteiros nesta problemática.

Da **Parte II – Trabalho Empírico**, fazem parte dois capítulos sendo que o **Capítulo IV** – Pesquisa Empírica e Opções Metodológicas, em que se aborda a forma como foram desenhados e desenvolvidos o presente trabalho. A sua realização foi feita através de um estudo de caso num grupo de escuteiros pertencentes a um agrupamento do Corpo Nacional de Escutas, ligado ao Escutismo Católico Português, sediado no concelho de Santa Maria da Feira do distrito de Aveiro O grupo envolvido foi o grupo de escuteiros pertencentes à secção dos pioneiros com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos, num total de 8 jovens e o grupo pertencentes à secção dos caminheiros com jovens com idades entre os 18 e 22 anos, num total de 4 jovens.

Para a recolha dessa informação pretendeu-se que fosse rigorosa e abrangente possível de forma a propiciar a construção de conhecimento relativamente ao objeto de estudo. “É a partir do procedimento metodológico e de técnicas de análise a ele associadas que se tomam opções e que, de certa forma, se condiciona o que se quer investigar” (Maia, 2007: 7).

Na recolha de dados sobre os sentidos dos jovens acerca dos espaços e tempos de lazer utilizados, especialmente quando frequentam as atividades dos escuteiros, utilizei entrevistas Focus Groups para evidenciar as vivências dos jovens participantes.

A observação participante é a que melhor responde à recolha de informação em investigação Ciências Sociais. Consiste em estudar uma comunidade durante um período estudando as suas interações perturbando o menos possível (Quivy, 1992: 197).

Como refere Burjess (2001), “a investigação de campo envolve predominantemente o uso da observação, observação participante, entrevistas não estruturadas e evidência documental, tudo isto a ser aplicado a um determinado contexto social” (2001:33)

No **Capítulo V** – Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados, a apresentação dos resultados foi um exercício de articular os sentidos dos jovens entrevistados com o conhecimento já produzidos por outros investigadores “o objetivo de qualquer investigação é responder à pergunta de partida” (Quivy,1992:211). Como primeiro procedimento são analisadas todas as informações recolhidas, ao que Quivy (1992) chama de verificação empírica. Foi muito importante a análise de conteúdo no tratamento da informação recolhida.

Finalmente, nas **Considerações Finais** tecemos algumas considerações depois de apresentados e discutidos os resultados dos dados recolhidos e analisados à luz dos contributos teóricos apresentados na primeira parte deste trabalho

Concluímos este trabalho com algumas considerações que entendemos pertinentes dando conhecimento de que forma os sentidos atribuídos pelos jovens escuteiros aos diferentes contextos, espaços e tempos de lazer utilizados, contribuíram para o seu crescimento pessoal e social.

I Parte - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I - Educação formal e não formal

1. Os campos da educação formal e não formal

A sociologia da Educação deu um contributo importante na explicação da problemática das juventudes. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil “unitária” (Pais, 1990).

Marta Vale (2009) refere que, para uma abordagem mais ampla da problemática da juventude, devem ser integradas diferentes dimensões ainda pouco discutidas, como é o caso das questões étnicas e de género, não só considerar a juventude como “um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida”, dando ênfase a aspetos uniformizadores e homogeneizadores, sendo uma geração especificamente definida em termos etário (Pais, 1990:158) ou a “juventude ser tomada como um conjunto social, necessariamente diversificado, onde aparecem diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais. Como refere Sá Costa (2002:67) “qualquer indivíduo pertence, simultaneamente, a vários grupos que o definem culturalmente de forma distinta na medida em que cada uma das situações de pertença modelam e estruturam práticas sociais”. Ser rapariga ou ser rapaz é diferente tendo influência na vivência juvenil apesar de frequentarem a mesma escola, viverem na mesma zona e serem dos mesmos meios familiares e sociais, as fronteiras de género determinam diferenças nos quotidianos juvenis, nas experiências e vivências juvenis (Abrantes, 2003). Os mapas de sentido enquanto “padrões de vida e formas expressivas pelos quais os jovens vivem e negociam o seu percurso de vida” (Stoer e Araujo, 1992:115), permitindo que cada indivíduo se integre numa comunidade cultural. O conceito de cultura não se refere

exclusivamente a formas de expressão, mas também a formas de produção, remetendo para uma definição de cultura que englobe as práticas sociais fazendo,

“apelo para específicos modos de vida e práticas quotidianas que expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana” (Pais, 1990: 164).

Estas sociabilidades estruturam-se em função dos tempos quotidianos de que fala Pais (1996:164) e que nos levam à distinções entre lazer, tempo livre e como refere Marta Vale (2009), as redes de sociabilidade são alargadas a jovens de outros sexos, constituindo os grupos de amigos que asseguram uma determinada identificação entre os elementos do grupo. É importante a definição destes dois conceitos que apesar de relacionados são entendidos e sentidos de forma diferente pelos jovens. O autor Pereira (2007), refere-se a tempo livre como a uma quantidade de tempo que utilizado para o exercício da expressão e da liberdade pessoal, melhor dizendo, cada um faz desse tempo o que entender, enquanto o lazer está relacionado com práticas e atividades, que têm como objetivo o descanso, o divertimento, o entretenimento, o convívio... (Dumazedier, 1974) e (Vale, 2009).

Para os jovens os diferentes espaços ganham um significado especial cultural e social relacionado com as atividades e com quem os frequenta.

As famílias têm um papel importante na vida dos jovens sendo proactivas nas escolhas, tentando encaminhar a escolha para uma escolha que em seu entender pode contribuir para o sucesso pessoal, académico e profissional. Quando os pais investem em atividades de ocupação dos tempos não escolares dos seus filhos pretendem que estas escolhas vão ao encontro das vontades dos jovens filhos (as)?

Como refere Silva (2008) num tempo de crise e imprevisível impõem-se novos desafios e pressões junto dos jovens em especial os que vivem situações de desigualdade estrutural, a situação económica que atravessamos tem provocado uma diminuição das escolhas das

atividades de lazer que os pais proporcionam aos filhos no sentido de melhorar as condições de aprendizagem e para o seu desenvolvimento social, cultural e académico.

Quando um(a) jovem escolhe ser escuteiro o seu desenvolvimento educativo/ formativo é influenciado por estes contextos em que a aprendizagem, uma forma de educação não formal, são valorizados os tempos e os lugares de educação, que não o espaço ou a instituição educativa. Considera-se o processo educativo como contínuo e socializador, num contexto social mais alargado.

2. O escutismo: zona de ambiguidade entre o formal e a não formal?

Tal como nos refere Palhares nas atas do Congresso de Sociologia,

”desde o início do seu percurso de vida que os jovens experienciam a heterogeneidade social como uma realidade quotidiana, como um universo multilógico que exige do sujeito um trabalho permanente de decifração e de reposição subjectiva dos seus sentidos” (Palhares,2005:7)

em que o processo de socialização dos jovens se apresenta com grande complexidade tendo em conta as formas tradicionais de educação realizado pela família e a educação escolar.

Os contextos de

“educação não formal mais ou menos formalizados, instituem-se como um campo, ele próprio heterogéneo, que ora se articula com as lógicas escolares, procurando reproduzi-las e mesmo reforçá-las, ora contém alternativas educativas que, em decorrência da maior autonomia institucional, inclui modelos e lógicas de ação de sentido contrário aos veiculados nos contextos mais formais de ensino e nos mais informais do núcleo familiar. Trata-se, em síntese, de compreender, por um lado, as lógicas em que se inscrevem as modalidades de educação não-escolar, se em lógicas reprodutoras e reguladoras, se em lógicas emancipatórias e de mudança (cf. Afonso, 2003:39-40); e, num outro prisma analítico, de apreender a forma como os jovens experienciam socialmente as tensões inerentes àquelas lógicas.” (Palhares,2005:7)

Os jovens escuteiros pertencem a um movimento juvenil que não poderá ser dissociada dos contextos em que se movimentam enquanto jovens integrados em diferentes contextos.

“A compreensão das trajetórias dos jovens escuteiros jamais poderá estar desvinculada dos outros contextos em que eles estão naturalmente envolvidos – a esfera escolar, o mundo do trabalho, o campo dos lazeres e tempos livres e o domínio da família representam matrizes de referência cruciais relativamente às quais se impõe estabelecer paralelismos, confrontações, relativizações. Só partindo desta pressuposição fundamental será possível debater o lugar e a natureza deste movimento juvenil no quadro mais global da educação dos jovens.” (Palhares,2005:8)

Também interessa perceber como é que os jovens,

“experienciam as tensões que decorrem do seu confronto quotidiano com diferentes modelos referenciais da ação – por exemplo, os contextos religiosos, associativos, recreativo-culturais, desportivos, de complemento escolar, de atividades de tempos livres, entre outros –, como as integram subjetivamente na construção da sua relação com o mundo, ou ainda, como processam a combinação das múltiplas influências educativas que subjazem a estes diferentes contextos “(Palhares,2005:8)

É interessante constatar que, em estudos realizados no Brasil o escutismo é encarado e abordado, por um lado como estando dentro da educação formal em que como refere Libâneo (2001:23) “compreenderia instâncias de formação escolar, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, estruturada e sistemática”. Por outro lado, incluem o movimento escutista como sendo um movimento pedagógico com caráter voluntário e uma “instituição não-governamental internacional, voltada para educação não-formal” Gohn (2001:1317), a par de outras instituições não-governamentais como por exemplo a Cruz Vermelha.

3. Animação sociocultural: Uma abordagem como forma de diversificação das práticas e dos projetos de intervenção educativa

As transformações sofridas pelo campo da formação de adultos, incentivam as práticas reflexivas construídas na crítica de uma racionalidade cognitivo/ instrumental em torno dos conceitos de programa, objetivos e estratégias de formação.

Para o desenvolvimento de um novo paradigma da formação de adultos é importante estimular a reflexão sobre as experiências de formação dos próprios formadores envolvidos, revelando a crescente importância que se atribui à educação informal e cujo papel é estruturante.

Podemos considerar três ideias-tipo de situações formativas:

- O formando ser definido e se definir como um objeto de formação, predominando um regime de reprodução da informação. É a lógica da acumulação de saberes.
- O formando aparece como elemento estruturante, definindo-se como sujeito, caracterizado por relações informais e pela troca de conhecimentos entre pares. Predomina a substituição de saberes.
- O formando define-se como elemento estruturador da situação, ele é agente da sua formação e da própria formação. Troca de conhecimentos mediados pela apropriação metódica de informações.

Para contextualizarmos a Educação de Adultos, importa referirmos quais as tendências atuais nos diferentes campos da educação de adultos, uma vez que existem outros contextos de formação, sem ser o da escola.

Podemos considerar a existência de quatro campos de ação:

1. A Educação de Adultos, que corresponde à alfabetização em que se considera uma oferta educativa de segunda oportunidade dirigida a adultos.
2. A Formação profissional contínua que corresponde à qualificação e requalificação da mão-de-obra, ainda que na sua origem estivessem preocupações com a educação permanente das pessoas integradas na vida profissional.
3. A animação sociocultural que é uma estratégia de intervenção social e educativa ao serviço de projetos de desenvolvimento em diferentes contextos. Este conceito e as práticas que lhe estão associadas influenciam os sistemas escolares tradicionais, induzindo a reflexão.

4. A educação de adultos e desenvolvimento local são processos de intervenção que articulam a educação de adultos com práticas locais participadas.

O nosso projeto de estágio insere-se no âmbito do campo da animação sociocultural da problemática da formação de adultos.

Para percebermos o conceito de animação sociocultural, é pertinente fazermos o enquadramento do mesmo no âmbito da problemática da educação de adultos, como um campo de práticas educativas, de reflexão e de investigação (Canário, 1999).

“A animação sociocultural constitui, hoje, um campo fundamental da ação educativa que abrange públicos muito diversos (em idade, estatuto social, nível de instrução), está presente em áreas de atividade social muito diversificadas (empresas, serviços sociais, vida escolar, administração pública, organizações de saúde, etc.)...” (Canário, 1999:71).

A animação sociocultural, é uma problemática correspondente a um campo de práticas com um discurso relativamente recente, e que abrange públicos muito diversos em idade, estatuto social e nível de instrução. Está presente em áreas de atividade social diversificadas, englobando contextos diversificados, no qual se enquadra o agrupamento de escuteiros, local de desenvolvimento do nosso projeto de investigação.

Com a crescente relativização da instituição escolar, começou por pôr em causa o monopólio educativo da mesma, emergindo uma área de intervenção educativa não formalizada no domínio da educação de adultos (Ibidem).

Esta rutura com o modo escolar, sofreu uma evolução em que numa primeira fase o modelo de educação de adultos se identificava com o modelo escolar, o mesmo que era oferecido às crianças, tendo como objetivos a alfabetização e a formação profissional.

A animação sociocultural demarca-se do modelo escolar, valorizando os tempos e os lugares de educação que não o espaço, ou a instituição educativa, considerando o processo educativo como contínuo e socializador, num contexto social mais alargado.

Paulo Freire (1996), explica-nos muito claramente esta ideia da seguinte forma,

“ (...) é uma pena que o carácter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou de deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente dos ensinamentos dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber. Creio que uma das razões que explicam este descaso em torno do que ocorre no espaço-tempo da escola, não seja atividade ensinante, vem sendo uma compreensão estreita do que é educação e do que é aprender.

No fundo, passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente, se cruzam cheios de significação (...) (Freire, 1996:49).

A animação sociocultural contribui de forma decisiva para o fim do monopólio educativo da escola, reconhecendo o carácter educativo da experiência vivida em contextos sociais diversos, no reconhecimento de que as organizações sociais também representam contextos educativos, tendo os atores sociais intervenção direta nos processos educativos (Canario,1999).

Devido à grande diversidade e latitude do campo da animação sociocultural, torna mais difícil definir com clareza e de forma abrangente, daí que Besnard (1968) cita Imhof (1966) definindo a partir do conceito de animação que é “ toda a ação exercida sobre um grupo, uma coletividade, um meio, visando desenvolver a comunicação e estruturar a vida social, recorrendo a métodos semidiretivos”.

A emergência da animação sociocultural como um campo de práticas sociais e educativas, faz sentido quando associado às mudanças sociais ocorridas na segunda metade do século XX, Besnard (1985) considera que o rápido crescimento económico, o fenómeno da massificação associado à industrialização e ao crescimento demográfico e urbanístico, bem como a natureza demográfica relacionada com o envelhecimento da população, ligado ao aumento generalizado do tempo livre, levanta problemas relacionados com a sua ocupação. Estas mutações sociais levaram a que as ofertas de animação sociocultural pudessem responder às várias necessidades sociais, a que Besnard (1985) traduz, enunciando as grandes funções sociais:

- A função de adaptação e de integração, cuja finalidade se traduz na promoção da socialização dos indivíduos, tendo em conta as mudanças próprias da sociedade industrial.
- A função recreativa ligada ao ócio e à organização do tempo livre com atividades lúdicas e culturais.
- A função educativa, entendida como escola paralela, como complemento de formações anteriores e aprofundamento de interesses culturais.

- A função ortopédica, como reguladora da vida social, combatendo as perturbações, os conflitos.
- A função crítica, que promove a construção e o exercício de um pensamento crítico como garantia do pleno exercício da democracia.

A animação sociocultural demarca-se do modelo escolar, valorizando os tempos e os lugares de educação que não o espaço, ou a instituição educativa, considerando o processo educativo como contínuo e socializador, num contexto social mais alargado.

A animação sociocultural contribui de forma decisiva para o fim do monopólio educativo da escola, reconhecendo o carácter educativo da experiência vivida em contextos sociais diversos, no reconhecimento de que as organizações sociais também representam contextos educativos, tendo os atores sociais intervenção direta nos processos educativos (Canario,1999).

A animação sociocultural, é uma problemática correspondente a um campo de práticas com um discurso relativamente recente, e que abrange públicos muito diversos em idade, estatuto social e nível de instrução.

“ A animação sociocultural refere-se ao conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições que no seio de uma dada comunidade ou de um território, se organizam quer para responder de forma proativa a problemas ou necessidades, quer para concretizar desejos e sonhos” (Ariana Cosme, 2010).

A animação sociocultural acontece em contextos diversificados em que os tempos e os espaços são geridos de forma flexível e contextualizada com projetos cujo objetivo e a partilha é comum ou simplesmente o usufruto dos mesmos, podendo não estar dissociados da escola apesar de esta ter uma organização formal de tempos e espaços.

CAPÍTULO II - As culturas juvenis

1. Juventudes e contextos

1.1. Os lugares da exclusão/inclusão social

“ O processo pelo qual certos indivíduos e grupos são sistematicamente impedidos de aceder a posições que lhe permitiriam uma forma de vida autónoma dentro das normas sociais enquadrados por instituições e valores, num determinado contexto” (Castells,1998:17)

Em jogo está o peso atribuído, por um lado, às políticas de redistribuição e, por outro, às políticas relacionadas com o reconhecimento da diferença (Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004). Exclusão social significa desqualificação social resultante da dureza e do drama das formas estruturais, na medida em que geram novas formas de desigualdade e de diferenciação.

Como refere Silva (2008) num tempo de crise e imprevisível impõem-se novos desafios e pressões junto dos jovens em especial os que vivem situações de desigualdade estrutural.

“A identidade pessoal, conseqüentemente, constrói-se em relação a uma projeção de si no tempo vindouro (o que quero ser?), graças à qual não apenas o passado adquire sentido, mas também é tolerada uma eventual frustração que pode acompanhar as experiências do presente” (Leccardi, 2005:36).

Os autores Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004:28) referem que “são cinco os lugares de impacto na exclusão social: o corpo, o trabalho, a cidadania, a identidade e o território selecionados para poder explorar as dimensões múltiplas do fenómeno da exclusão social. Estes lugares podem ser caracterizados como províncias de um mapa que se sobrepõem, sendo cada Lugar ligado pelos contextos nos quais são ativados (família, escola, hospital, bairro, etc.) e pelos níveis aos quais funcionam: o local, regional, nacional e supranacional.”

Estes autores referem que lugares chamados por Santos (1995) “espaços estruturais”, são atravessados por variáveis sociológicas como a classe social, género, etnicidade e idade.

Estes espaços estruturais podem ser identificados como espaços de trabalho, da cidadania, doméstico, da escola, etc.. (Stoer, Magalhães e Rodrigues (2004:29)

Os “Lugares” são instâncias de impacto dos espaços estruturais, onde se ativa a agência social, a agência individual e onde os projetos individuais e sociais interagem entre si. Os “Contextos” são espaços de realização dos Lugares, da ação reflexiva dos atores sociais e onde os Lugares são efetivamente vividos. Os “Espaços Estruturais” delimitam as possibilidades de escolha e de ação dos atores sociais (2004:29).

2. Culturas juvenis

A sociologia da Educação deu um contributo importante na explicação da problemática das juventudes. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária» (Pais,1990). No entanto, o que se pretende é não só explorar o que os jovens ou grupos sociais têm de comum, de semelhante, como por exemplo as suas expectativas, aspirações mas também as diferenças sociais existentes entre eles.

Na primeira perspetiva a juventude é considerada como “um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida”, dando ênfase a aspetos uniformizadores e homogeneizadores, sendo uma geração especificamente definida em termos etários (Pais, 1990:154). Outra abordagem a “juventude é tomada como um conjunto social, necessariamente diversificado, onde aparecem diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais.

Como refere Sá Costa (2002:67) “qualquer indivíduo pertence, simultaneamente, a vários grupos que o definem culturalmente de forma distinta na medida em que cada uma das situações de pertença modelam e estruturam práticas sociais”. Ser rapariga ou ser rapaz é diferente tendo influência na vivência juvenil apesar de frequentarem a mesma escola, viverem na mesma zona e serem dos mesmos meios familiares e sociais, as fronteiras de género determinam diferenças nos quotidianos juvenis, nas experiências e vivências juvenis (Abrantes, 2003).

O conceito de cultura não se refere exclusivamente a formas de expressão, mas também a formas de produção, remetendo para uma definição de cultura que englobe as práticas sociais, fazendo “apelo para específicos modos de vida e práticas quotidianas que

expressam certos significados e valores não apenas ao nível das instituições, mas também ao nível da própria vida quotidiana” (Pais, 1990). Os mapas de sentido enquanto “padrões de vida e formas expressivas pelos quais os jovens vivem e negociam o seu percurso de vida” (Stoer e Araujo, 1992:115), permitindo que cada indivíduo se integre numa comunidade cultural.

“Cultura é a forma segundo a qual as relações sociais são estruturadas e moldadas: mas também o modo como essas formas são experimentadas, percebidas e interpretadas” (Clarke, 1975:11)

Neste sentido pretendemos enquadrar a problemática da prática do escutismo como uma abordagem cultural dos jovens que a escolhem.

3. O escutismo: uma cultura juvenil?

Fazendo um pouco de história sobre o movimento escutista, podemos referir que, Baden-Powell um militar de carreira britânico, que, para dar resposta a jovens que vagueavam pelas ruas de Londres, concebeu um programa de cariz militar que visava o reconhecimento e exploração do território. Era um método educativo cuja característica era a sua apresentação sobre forma de jogo para rapazes, cativando jovens estudantes e adultos britânicos de vários quadrantes sociais e geográficos, conhecidos por *boy scouts* (Vicente, 2004:215)

Este movimento surge como forma de descontentamento sobre a rígida educação britânica, “Baden-Powell organizou um acampamento com um grupo de jovens de forma a que pudessem ter a possibilidade de estarem em contacto com a natureza. Este contacto com a natureza era feito através de jogos ao ar livre e da convivência em grupo”(ibidem) Este método surge com a identificação de tarefas muito bem exemplificadas e divulgadas numa primeira fase através de fascículos intitulados Escutismo para rapazes. Por pressão social, Baden-Powell procedeu a uma adaptação do método, muito específica para as raparigas designadas por Guias.

Como refere Ana Vicente (2004), “Baden-Powell concebeu inicialmente o escutismo como um jogo de *self-government* para rapazes adolescentes”, em que o seu projeto apresentava

“ grandes afinidades com os princípios da Educação Nova e pedagogias ativas propugnados por Claparède, Freinet e Maria de Montessori, num ambiente propício ao desenvolvimento de métodos educativos de promoção da saúde física, cívica e moral” (Vicente, 2004:218).

Podemos reconhecer os escuteiros como jovens que usam uma farda, com uma forma própria de vestir, de se apresentarem nas suas atividades, que os identifica e os distingue.

“As práticas de lazer em idade juvenil representam subculturas capazes de refletir a caracterização desses próprios grupos. A forma como os seus tempos são ocupados, devido a um maior período de tempo liberto e fruído por estas faixas etárias, desempenham um papel fundamental em contextos extrafamiliar e extraescolar” (Pereira, 2007:133).

O escutismo é reconhecido por ser um projeto que procura ajudar a formação dos jovens contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal, social e intelectual. O vestuário é uma forma de identificação mantendo uma mística no que diz respeito aos valores atribuídos aos lenços, às insígnias e ao calçado.

Podemos considerar que o uniforme dos escuteiros como uma forma declarada e um fator homogeneizador e uniformizador dos jovens frequentadores dos escuteiros.

O escutismo é um movimento que tem-se mantido ao longos anos levando já 100 anos porque tem sabido adaptar-se à situação atual dos jovens e das sociedades.

Como referem Pereira e Neto (1999) que o escutismo é uma

“prática cultural com grande tradição nas crianças e jovens portugueses que visa a educação, a socialização e a aprendizagem de valores tais como a o espírito de entreajuda , a cooperação, a amizade, a superação do risco e a saúde” (Pereira e Neto,1999: 100).

Porque se trata de um movimento que “proporciona e dinamiza “ atividades que os jovens de outra forma não teriam acesso nomeadamente as realizadas ao ar livre em contacto com a natureza, em conformidade com os fundamentos do seu fundador Baden Powell (Pereira e Neto (1999).

CAPÍTULO III - O lazer

O presente trabalho pretende fazer uma abordagem relativa à problemática da juventude, articulando de opiniões recolhidas de jovens escuteiros sobre os seus dizeres sobre os seus lazeres. O conceito de juventude é um conceito com várias abordagens relativamente a uma construção de identidade através de vivências sociais com grupos de pares com significados comuns. Falar de juventude é abordar contextos educativos e pensar nos sentidos atribuídos pelos jovens à escola, é pensar nas transições para o mundo o trabalho, na construção da sua identidade como elemento da sociedade e também na forma com pensam e usam o seu tempo livre e de lazer. Na construção da autonomia relevar a construção social de identidades dando importância à abordagem do lazer juvenil, problemática que irei desenvolver neste trabalho.

Assim,

“quem não quiser falar de lazer deve calar-se se sobre juventude quiser falar” (Pais, 1990:591).

1. Tempo livre e lazer

O lazer surge com o alargamento do tempo livre, provocado pela diminuição do tempo de trabalho, originou um novo modo de vida nas classes sociais mais favorecidas, estendendo-se a todas as classes da sociedade urbana. Desta forma, verifica-se uma modificação na maneira de se ocupar os serões, os fins-de-semana e as férias, comprovando-se a crescente valorização destes tempos sociais (Pereira, 1993:17, 18).

Podemos considerar que, “hoje em dia é indiscutível que o fenómeno do tempo livre e do tempo do lazer que lhe pode estar associado marca a vida das gerações” (Mota, 1997:17).

Os trabalhos e conceitos sobre o lazer fundamentam-se nas conceções teóricas do sociólogo francês Dumazedier (1976). O autor define lazer como sendo,

“ um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre

capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier, 1976:26).

Dumazedier e Israel (1974) fazem referência a três funções essenciais do lazer: a função de repouso - o repouso liberta do cansaço, as obrigações quotidianas e de trabalho aumentam a necessidade de repouso, de lazer; função de divertimento – que liberta do tédio, é uma procura de diversão, de fuga para um mundo diferente, por vezes oposto ao mundo e todos os dias; função de desenvolvimento da personalidade - que possibilita uma participação social mais ampla e mais livre; permite novas oportunidades de integração nas atividades recreativas, culturais e sociais.

De acordo com Pereira,

“Os tempos livres surgem por oposição aos tempos ocupados, o tempo de lazer por oposição ao tempo de trabalho, o descanso ao tempo de esforço. O tempo livre, o lazer, o descanso são tempos predominantemente auto-determinados.” (Pereira,1993:7)

Rabanal et al. define tempo livre como “aquella situación donde no hay la obligación de realizar una determinada tarea”, acrescentando que “el tiempo libre es la condición imprescindible para poder realizar actividades de ocio.” (1995:15)

Ventosa (2003:28, 29) considera que podemos encontrar diferentes definições para o termo tempo livre: como o tempo que resta depois do trabalho (tempo de não trabalho); como o tempo que resta depois do trabalho e das necessidades e obrigações diárias; e como o tempo que se ocupa com o que queremos. Ter tempo livre não significa que seja um tempo de lazer, depende da forma como se ocupa esse tempo.

Para Kelly,

” toda a gente pode ter tempo livre, no entanto, nem toda a gente pode ter lazer. Para que exista lazer tem que existir tempo livre, no entanto, isso não significa que todo o tempo livre seja lazer”. (1996:21)

Desta forma, o tempo livre é uma condição necessária mas não suficiente para o lazer (Ventosa, 2003:29).

Mota (1997:18) considera que, apesar de muitas vezes confundidos, o tempo livre e o lazer não são nem significam a mesma coisa.

Podemos verificar diferentes usos dos termos lazer e tempo livre (Ventosa, 2003:26): como sinónimos (unificando a ideia de lazer ao de tempo livre e empregando-os indistinta ou associadamente); como antónimos (quando os termos se contrariam, em função da valorização positiva ou negativa que se faça a cada um dos termos); como significados diferentes (aos termos lazer e tempos livres não se lhes concede significados nem semelhantes, nem contrários, mas sim diferentes).

Tendo em conta a perspetiva de Dumazedier (1980) e como refere Carla Pedro na sua dissertação (2005) o lazer é o tempo que cada um tem para si, uma auto-gestão do tempo, resultando de uma escolha livre. Consideram que o lazer é quando uma pessoa se entrega de livre vontade a uma determinada atividade, quer tenha como objetivo repousar ou divertir-se, sempre fora das obrigações profissionais, familiares e sociais.

“O lazer é um conjunto de ocupações a que o indivíduo se pode entregar de livre vontade, quer para repousar, quer para se divertir, quer para desenvolver a sua informação ou a sua formação desinteressada, a sua participação voluntária ou a sua livre capacidade criadora depois de se ter liberto das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (Dumazedier e Israel, 1974:9)

Tal como Carla Pedro (2005) considerámos que o,

“lazer significa uma escolha livre, uma auto-gestão do tempo livre, com vista à satisfação pessoal, melhorando a qualidade de vida, nomeadamente o bem-estar físico, mental e social. A noção de lazer deve relacionar-se com a noção de satisfação: não está em causa se uma criança lê, joga futebol ou vai ao cinema no seu tempo livre, o que é relevante é que o faça de livre vontade, com prazer. As condições sócio-económicas e os valores culturais da família condicionam, em grande parte, o lazer” (Pedro, 2005:27)

Podemos dizer que tempo livre e lazer são conceitos distintos, apesar de serem muitas vezes confundidos. Tempo livre é o tempo que resta depois do trabalho e das necessidades e obrigações diárias.

2. A simbologia do lazer nas culturas juvenis: O lazer juvenil como forma de expressão da sua autonomia

Consideramos que, “os tempos livres, as atividades lúdicas e de lazer são, para os jovens de qualquer classe social, extremamente importantes” (Detry e Cardoso, 1995:63).

A abordagem da sociologia da juventude tem que passar pela sociologia do lazer.

É no domínio do lazer que as culturas juvenis adquirem uma maior visibilidade e expressão. Para Pais (1990:591,592), a sociologia da juventude tem mostrado grande interesse pelo lazer juvenil originando tendências teóricas controversas:

a) Por um lado, surge a tendência de se olhar o domínio do lazer juvenil como um domínio de práticas culturais homogêneas, em que os jovens fazem coisas próprias de uma fase da vida, pensado a juventude como uma realidade homogênea, argumento que faz cair por terra esta tendência.

b) Por outro lado, e em consequência da primeira tendência, surge uma outra que toma as práticas culturais juvenis como normativamente marginais relativamente à cultura dominante, que seria específica das gerações mais velhas.

Em suma, serão as culturas juvenis manifestações mais ou menos passivas, anónimas ou disfuncionais do universo de normas e de valores do qual as gerações mais velhas se encontram mais próximas, ou, em contrapartida, evidenciam as culturas juvenis um protagonismo ativo, expresso em modos de vida especificamente juvenis.

3. Contextos de lazer

“A família constitui o alicerce da sociedade e, assim, é um dos principais contextos de desenvolvimento da criança e, apesar da existência de debate em torno do seu papel actual e da sua composição, a família mantém-se como o elemento-chave na vida e desenvolvimento da criança.” (Serrano e Correia, 2002:74).

Lugares de lazer na infância em contexto rural, em que as crianças se juntavam para brincarem, independentemente de grupos sociais e do género,

Existe uma distinção entre “papéis de trabalho” (muito fragmentados no tempo, espaço) e “papéis de lazer” (muito específicos e ligados a uma atividade), no entanto, o papel da

família normalmente prevalece no tempo, espaço, a nível financeiro e pessoal, assim como as nossas formas de interagir e o sentido de responsabilidade (Kelly, 1995:44).

Na juventude e como refere Vale, as redes de sociabilidade são alargadas a jovens de outros sexos, constituindo os grupos de amigos que asseguram uma determinada identificação entre os elementos do grupo.

As sociabilidades em contexto escolar desenrolam-se nos mesmos moldes que nos grupos juvenis como se referiu anteriormente.

Estas sociabilidades estruturam-se em função dos tempos quotidianos de que fala Pais (1996) e que nos levam a distinções entre lazer, tempo livre. É importante a definição destes dois conceitos que apesar de relacionados são entendidos e sentidos de forma diferente pelos jovens. O autor Pereira (2007:136), refere-se a tempo livre como a uma quantidade de tempo que utilizado para o exercício da expressão e da liberdade pessoal, melhor dizendo, cada um faz desse tempo o que entender, enquanto que o lazer está relacionado com práticas e atividades, que têm como objetivo o descanso, o divertimento, o entretenimento, o convívio... (Dumazedier, 1974) e (Vale, 2008).

Para os jovens os diferentes espaços ganham um significado especial cultural e social relacionados com as atividades e com quem os frequenta. O ir ao café também se reveste um significado especial pelas sociabilidades que nele acontecem e que proporcionam uma renovação sistemática das redes criadas quer na escola, quer na rua (Pais1996).

As saídas noturnas são por si só uma forma de identificação de sociabilidades embora se associem a excessos e transgressão. As saídas noturnas não são encaradas da mesma quando se trata de uma rapariga ou um rapaz. A noite não é para raparigas, as questões de género são abordadas por Laura Fonseca (2001), nos percursos femininos já não são identificados com o facto de as raparigas só estarem no quarto, a conversas com as amigas falando sobre namorados, roupa, brincar/tomar conta dos irmãos...

Para os jovens, na maioria estudantes, o café representa uma faixa intermediária, no tempo e no espaço, entre a escola e o domicílio, encontrando-se a sua frequência mais ligada às redes de convivialidade de que fazem parte.

4. Juventudes e lazer

A sociologia da Educação deu um contributo importante na explicação da problemática das juventudes. Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil «unitária» (Pais,1990). No entanto, o que se pretende é não só explorar o que os jovens ou grupos sociais têm de comum, de semelhante, como por exemplo as suas expectativas, aspirações mas também as diferenças sociais existentes entre eles.

A primeira perspetiva a juventude é considerada como “um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma dada «fase da vida»”, dando ênfase a aspetos uniformizadores e homogeneizadores, sendo uma geração especificamente definida em termos etários (Pais, 1990:164)

Outra abordagem a juventude é tomada como um conjunto social, necessariamente diversificado, onde aparecem diferentes culturas juvenis, em função de diferentes pertenças de classe, diferentes situações económicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses, diferentes oportunidades ocupacionais.

De acordo com a teoria geracional da sociologia da juventude, as culturas juvenis aparecem ligadas a crenças, valores normas e práticas que determinado grupo de jovens partilha, inerentes à fase da vida associados a uma noção de juventude e que também são comuns a gerações precedentes. Esta abordagem dá ênfase às questões de reprodução social, associando os jovens a trajetórias de classe, isto é jovens provenientes de contextos e classes sociais diversificados, que por sua vez reproduzem as classes sociais e consequentemente as suas desigualdades que as acompanham, determinando diferentes formas e maneiras de ser jovem em função da classe social (Pais, 1996:44).

Em contra ponto à corrente classista, Laura Fonseca (2001:17) defende que a cultura não pode ser vista apenas como reprodução de classe mas também como uma produção cultural refletida nos contextos e quotidianos de vida. Paul Willis (1991:37) os jovens constroem uma “cultura contra-escolar” como forma de resistência à escola e às práticas pedagógicas nela desenvolvidas.

Apesar do contributo destas teorias ser importante, Marta Vale (2008) refere que, para uma abordagem mais ampla da problemática da juventude,

“devem ser integradas diferentes dimensões ainda pouco discutidas, como é o caso das questões étnicas e de género. Ser rapariga ou ser rapaz é diferente tendo influência na vivência juvenil apesar de frequentarem a mesma escola, viverem na mesma zona e serem dos mesmos meios familiares e sociais, as fronteiras de género determinam diferenças nos quotidianos juvenis, nas experiências e vivências juvenis”. Vale (2008:21,22)

5. Transições juvenis, imprevisibilidade e percursos na pós-linearidade: Impacto de diferentes trajetórias na educação, trabalho e família

Das sociedades industriais à sociedade do conhecimento (em rede), a desigualdade na distribuição de bens e recursos, a par de fortes redes de comunicação leva a que os jovens tenham esferas de vida fragmentadas, à procura de coerências subjetivas (continuidade biográfica), vêm aumentar a sua responsabilidade individual protagonizando trajetórias atípicas (Bendit,2008:153). Nas sociedades ocidentais, o emprego, segundo Castel (1995,1998, 2003), constitui um elemento de coesão social assegurando a integração social e cívica dos indivíduos.

A perda de emprego ou o não encontrar, pode levar a um processo de fragilidade dependência e rutura podendo levar à exclusão social. Depois de terminarem a sua formação muitos jovens vêm-se confrontados com empregos precários, começando a perder a esperança de ter um emprego a tempo inteiro e com remuneração condigna (Alves, 2005). Muitos jovens tentam encontrar de estratégias de procura de emprego.

Prolongamento de carreiras educativas através do aumento da escolaridade da criação de programas de combate ao abandono escolar, apesar de Portugal continuar com a taxa de escolarização mais baixa da Europa. Neste momento começa a ser assustadora a elevada taxa de desemprego entre os jovens com maior grau de qualificação e de recursos sociais.

As famílias têm um papel importante na vida dos jovens sendo proactivas nas escolhas, tentando encaminhar a escolha para uma escolha normalmente direcionada para o sucesso académico e profissional.

Como refere Silva (2008) num tempo de crise e imprevisível impõem-se novos desafios e pressões junto dos jovens em especial os que vivem situações de desigualdade estrutural.

“A identidade pessoal, conseqüentemente, constrói-se em relação a uma projeção de si no tempo vindouro (o que quero ser?), graças à qual não apenas o passado adquire

sentido, mas também é tolerada uma eventual frustração que pode acompanhar as experiências do presente” (Leccardi, 2005:26).

Segundo esta autora, o futuro é o espaço para a construção de um projeto de vida. Será uma forma de encontrar estratégias para transformar a imprevisibilidade de uma escolha. As experimentações biográficas terão resultado positivo, permitindo aos jovens a necessária integração social, dependerão da capacidade do mundo adulto de reconhecer sua legitimidade. Há algum tempo atrás podíamos dizer que os jovens com biografias lineares primeiro teriam a preparação para o trabalho através da formação escolar, depois teriam um trabalho remunerado identificador de passagem à idade adulta, e portanto uma garantia de segurança económica até atingir a idade da reforma.

Podemos referir que, e como refere Leccardi (2005),

“para os jovens, tudo isso se traduz na conquista de novos percursos de liberdade e de espaços de experimentação, mas também na perda do carácter evidente de uma relação positiva com o tempo social. Se é verdade que o “prolongamento” da fase juvenil da vida constitui, hoje, seu aspeto mais em evidência, a transformação decisiva consiste, entretanto, no desaparecimento da possibilidade de ancorar as experiências que os jovens realizam – nessa fase, como sabemos, as experiências se sucedem com uma intensidade existencial e um ritmo quase único – no mundo das instituições sociais e políticas”. Leccardi, (2005: 48)

Hoje, esse percurso previsível para o ingresso na vida adulta, deixou de ser a regra, mas sim a exceção.

6. O escutismo: tempo de lazer juvenil?

“ O Escutismo é um alegre divertimento ao ar livre, onde homens, rapazes e raparigas podem, em conjunto entregar-se à aventura como irmãos mais velhos e mais novos, colhendo saúde e felicidade, habilidade manual e espírito de auxiliar o próximo” CNE.

Considerando que, a entrada e permanência nos escuteiros é feita pelos jovens de forma livre e “está relacionado com práticas e atividades, que têm como objetivo o descanso, o divertimento, o entretenimento, o convívio...” (Dumazedier, 1974) e (Vale, 2008:17), o

escutismo deve ser vivido como um jogo com regras que ajudam a delinear o percurso de permanência nas secções dos escuteiros.

Cada jovem escuteiro “escolhe o seu percurso optando por aquilo que são os seus interesses e capacidades seguindo o caminho para onde devem apostar(...)” de acordo com as indicações do livro do Diário de Percurso dos caminheiros.

“O lazer é um conjunto de ocupações a que o indivíduo se pode entregar de livre vontade, quer para repousar, quer para se divertir, quer para desenvolver a sua informação ou a sua formação desinteressada, a sua participação voluntária ou a sua livre capacidade criadora depois de se ter libertado das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (Dumazedier e Israel, 1974:9)

Os autores Dumazedier e Israel (1974) consideram três funções essenciais do lazer: função de repouso (o repouso liberta do cansaço; as obrigações quotidianas e de trabalho aumentam a necessidade de repouso, de lazer); função de divertimento (liberta o tédio; é uma procura de diversão, de fuga para um mundo diferente, por vezes oposto ao mundo de todos os dias); função de desenvolvimento da personalidade (possibilita uma participação social mais ampla e mais livre; permite novas oportunidades de integração nas atividades recreativas, culturais e sociais) (Pedro, 2005:26).

Considerando que o lazer é uma escolha livre feita pelos jovens para a satisfação pessoal, podemos considerar que os escuteiros exercem a função de divertimento mas com especial incidência no desenvolvimento da personalidade através de participações de cariz social e cultural.

Para Teresa Freire, (2006:346), o lazer promove a satisfação na medida em que pressupõe a realização de atividades livremente escolhidas que são do interesse e gosto do indivíduo pelo que a emergência de sentimentos de gratificação é também relevante. São estes aspetos que fazem da experiência de lazer uma experiência de bem-estar, em que a percepção de liberdade tem então um papel fundamental.

Tendo em conta com as características e funções associadas ao lazer, mais concretamente a experiência de lazer, toma-se importante sublinhar o seu papel no desenvolvimento.

“O lazer permite a promoção do desenvolvimento pessoal e social, bem como um maior envolvimento do indivíduo pelo mundo que o rodeia. É na diversidade de oportunidades e desafios proporcionados pelo lazer que se promove o enriquecimento pessoal e social,

tomando cada indivíduo mais conhecedor das suas capacidades e limites. Neste sentido, os aspetos relacionados com a definição de si, ou se quisermos com a definição do auto-conceito ou da identidade, adquirem um papel fundamental no processo de desenvolvimento”. (Freire, 2006:347)

II Parte - TRABALHO EMPÍRICO

“ Que significação é atribuída pelos jovens aos tempos e espaços de lazer quando frequentam os escuteiros?”

CAPÍTULO IV - Pesquisa Empírica e Opções Metodológicas

1. Enquadramento e opções metodológicas

Para a elaboração deste trabalho pretende-se construir um corpo teórico que suporte o objetivo de investigação, articulando com a recolha do maior número possível de informação sobre para melhor conhecimento desse mesmo objeto de estudo.

Para a recolha dessa informação pretende-se que seja o mais rigorosa e abrangente possível de forma que propicie a construção de conhecimento relativamente ao objeto de estudo.

“É a partir do procedimento metodológico e de técnicas de análise a ele associadas que se tomam opções e que, de certa forma, se condiciona o que se quer investigar” (Maia, 2007:7).

A observação participante é a que melhor responde à recolha de informação em investigação Ciências Sociais. Consiste em estudar uma comunidade durante um período estudando as suas interações perturbando o menos possível (Quivy, 1992: 197). Pretendo desta forma participar nas atividades do grupo de escuteiros de forma a fazer uma observação contextualizada. Como refere Burjess (2001), na observação participante,

“o objetivo do investigador é observar os acontecimentos, causando a menor disrupção possível na situação social. Neste aspeto, ganhar confiança e estabelecer relações é uma parte fundamental do envolvimento do investigador na cena Social” (Burjess,2001:100).

Como refere Burjess (2001)

“a investigação de campo envolve predominantemente o uso da observação, observação participante, entrevistas não estruturadas e evidencia documental, tudo isto a ser aplicado a um determinado contexto social”. (2001:33)

A opção metodológica para o desenvolvimento desta investigação centra-se em mostrar os sentidos atribuídos pelos jovens escuteiros e atribuir-lhes um significado. A metodologia

qualitativa tem como principal preocupação a compreensão dos significados e das falas dos jovens escuteiros.

1.1. Objeto de estudo

Definimos como objeto de estudo perceber de que forma as representações e os sentidos dados pelos jovens nos diferentes contextos, espaços e tempos de lazer constituem uma oportunidade de crescimento pessoal e social. Era ainda nossa intenção compreender de que forma isso acontece. O contexto escolhido para o desenvolvimento deste estudo foi um do grupo de escuteiros.

1.2. Tema e justificação

O tema deste trabalho de dissertação de mestrado está relacionado com a problemática das juventudes em torno do lazer juvenil: O escutismo enquanto movimento de educação não formal, construiu-se como um contributo para o crescimento e desenvolvimento dos jovens?

Quando um(a) jovem escolhe ser escuteiro o seu desenvolvimento educativo/ formativo é influenciado por contextos em que a aprendizagem, uma forma de educação não formal, valoriza os tempos e os lugares de educação, que não o espaço ou a instituição educativa. Considera-se o processo educativo como contínuo e socializador, num contexto social mais alargado.

A escolha deste tema teve como preocupação abordar de forma diferente a problemática do lazer juvenil, podendo mostra uma outra forma de ver e ler os sentidos dos jovens, neste caso, no contexto de escuteiros.

1.2.1. Formulação do problema

Assim, o problema desta investigação traduz-se na preocupação em compreender as diferentes conceções e perceções dos jovens frequentadores dos escuteiros no que diz respeito à ocupação dos seus lazeres.

1.2.2. Questões orientadoras e pergunta de partida

A revisão da literatura centrou-se em leitura de estudos, trabalhos e autores de referência que abordaram o tema em análise, contribuindo para a construção das linhas orientadoras do projeto de investigação. Conhecer a forma como os jovens utilizam o seu lazer promoveu a construção da problemática em torno do lazer juvenil orientou-se na abordagem das juventudes enquanto construtores de sociabilidades constituindo grupos de amigos em que se manifesta uma determinada característica comum. São estas sociabilidades que se estruturam em função dos tempos quotidianos de que fala Pais (1996) e que nos levam a distinções entre lazer, tempo livre. É importante a definição destes dois conceitos que apesar de relacionados são entendidos e sentidos de forma diferente pelos jovens. O autor Pereira (2007:136), refere-se a tempo livre como a uma quantidade de tempo que utilizado para o exercício da expressão e da liberdade pessoal, melhor dizendo, cada um faz desse tempo o que entender, enquanto que o lazer está relacionado com práticas e atividades, que têm como objetivo o descanso, o divertimento, o entretenimento, o convívio... (Dumazedier, 1974) e (Vale, 2008:17).

Para os jovens os diferentes espaços, e em especial o espaço dos escuteiros ganham significado cultural e social relacionado com as atividades e com quem os frequenta, identificando o papel dos contextos de socialização da educação não formal. Quando um(a) jovem escolhe ser escuteiro o seu desenvolvimento educativo/ formativo é influenciado por estes contextos em que a aprendizagem, uma forma de educação não formal, são valorizadas os tempos e os lugares de educação, que não o espaço ou a instituição educativa. Considera-se o processo educativo como contínuo e socializador, num contexto social mais alargado

“A família constitui o alicerce da sociedade e, assim, é um dos principais contextos de desenvolvimento da criança e, apesar da existência de debate em torno do seu papel atual e da sua composição, a família mantém-se como o elemento-chave na vida e desenvolvimento da criança” (Serrano e Correia, 2002:74).

A importância da família nas escolhas que os jovens fazem quando decidem fazer parte de um grupo de escuteiros é o que tentamos entender neste projeto de investigação.

No seguimento deste conjunto de abordagens estruturantes para a investigação elaboramos a seguinte pergunta de partida: **quais as significações atribuídas pelos jovens aos tempos e espaços de lazer utilizados enquanto jovens frequentadores dos escuteiros.**

1.2.3. Formulação de hipóteses

Articulando os conceitos e objetivos definidos através da reflexão entre a componente teórica e os dados empíricos do trabalho do trabalho, as hipóteses são o ponto de união desse movimento, pois, conferem-lhe amplitude e confirmam a coerência entre as partes do trabalho (Quivy e Campenhoudt, 1992:114).

Para esta investigação, construímos hipóteses de trabalho pois,

“ a organização de uma investigação em torno das hipóteses de trabalho constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor...” (Quivy e Campenhoudt, 1998: 119)

Desta forma, foram propostas um conjunto de hipóteses, servindo de um fio condutor muito eficaz para a investigação (Quivy e Campenhoudt, 1992:113), designadamente: H1: De que forma os jovens utilizam o seu lazer. O que os move. H2: Qual o papel dos contextos de socialização da educação não formal, quando frequentam os escuteiros. H3: Qual a importância da família nessas escolhas. H4: Saber se os jovens são condicionados pelos lugares (nos escuteiros).

1.2.4. Objetivos da investigação

Estando de acordo com a afirmação de Marta Vale (2009) na sua dissertação de mestrado, que o “objeto de estudo e a problemática não se definem imediatamente após a tomada de decisão de realização de uma investigação em Ciências de Educação”, encontrei-me num período de grande indefinição e com alguma dificuldade em estruturar/ definir o caminho a seguir no meu trabalho, pretendia perceber: **Quais os significados atribuídos pelos jovens aos tempos e espaços de lazer utilizados quando frequentam os escuteiros.**

Para perceber as especificidades considereei como objetivos específicos:

1. Conhecer a forma como os jovens utilizam o seu lazer. O que os move.
2. Qual o papel dos contextos de socialização da educação não formal.
3. Qual a importância da família nessas escolhas.
4. Saber se os jovens são condicionados pelos lugares (nos escuteiros).
5. Se raparigas e rapazes têm tratamentos e participações iguais no contexto dos escuteiros.

1.3. A investigação qualitativa

A utilização da metodologia qualitativa parece-nos a mais adequada ao desenvolvimento desta investigação, indo ao encontro do sentido e significados dos jovens escuteiros na sua relação com o lazer.

“ Os investigadores que adoptam uma perspectiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo, procuram compreensão, em vez de análise estatística” (Bell, 1997:20)

Como refere Fernandes (1991), “o foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está “por trás” de certos comportamentos, atitudes e convicções., sem preocupação quer com a dimensão das amostras nem com a generalização resultados”

Bogdan & Biklen (1994: 48) referem que o,

“significado e a apreensão das diferentes perspectivas dos diversos atores envolvidos são de extrema importância sendo considerados fontes de saber, envolvidos no processo de construção da realidade”.

Também Tuckman (2000), considera que a investigação qualitativa tem como preocupação essencial “descrever, referindo o processo, analisando os dados indutivamente e preocupando-se com o significado das coisas” e que, “a recolha de dados centra-se na descrição, na descoberta, na classificação e na comparação” (Tuckman, 2000:532).

Foi neste sentido, através da análise e interpretação dos dados, tentando compreender a realidade, que organizamos toda a construção e elaboração deste projeto de investigação e encontrar resposta para as hipóteses formuladas.

1.4. A opção metodológica do estudo de caso

Nesta investigação, a metodologia adotada tem uma vertente qualitativa, e que tomou a forma de um estudo de caso.

1.4.1. Campo de análise e sua justificação

A realização do trabalho de investigação foi feita através de um estudo de caso num grupo de escuteiros pertencentes ao Corpo Nacional de Escutas, ligado ao Escutismo Católico Português. O local é na Arrifana, freguesia de Arrifana, concelho de Santa Maria da Feira do distrito de Aveiro.

Participam nas atividades deste grupo crianças/jovens dos 6 anos aos 24 anos de idade. O grupo acompanhado foi o grupo de jovens cujas idades estão compreendidas entre os 14 e os 24 anos, que totalizam 14 jovens raparigas e rapazes. Estes jovens fazem parte do grupo dos pioneiros e caminheiros dos escuteiros maioritariamente composto por raparigas.

A escolha deste grupo e sua localização prende-se com a facilidade por proximidade e encontrar receptividade por parte dos dirigentes da secção.

Os participantes dividem-se em dois grupos:

- Jovens escuteiros dos 14 aos 16 anos – 8 participantes (4 rapazes e 4 raparigas) - pioneiros

- Jovens escuteiros dos 17 aos 22 anos – 6 participantes (1 rapaz e 5 raparigas) - caminheiros

1.4.2. Período de investigação

O período de desenvolvimento desta investigação corresponde ao ano letivo 2012/2013, tempo dedicado à elaboração da dissertação de mestrado.

1.4.3. Limites, constrangimentos e dificuldades sentidos

Considerar um projeto de investigação, que tem como objetivo a elaboração de uma dissertação, podemos considerar a possibilidade de surgirem alguns constrangimentos.

Convictos de que iríamos sentir algumas limitações e constrangimentos, encaramos este projeto com entusiasmo tentando contornar as dificuldades entretanto surgidas, tentando que as mesmas não influenciassem o desenvolvimento e concretização dos objetivos propostos para o nosso projeto.

O principal constrangimento por nós sentido tem a ver com questões temporais para a realização desta investigação que não conseguimos colmatar como seria desejável.

Outro dos constrangimentos está relacionado com a escolha metodológica e técnica de recolha de dados por Focus Groups, que sabíamos ser arriscado porque é difícil articular tempos e vontades dos participantes. Para alguns participantes foi extremamente positiva a participação, mas para outros, só na transcrição das entrevista é que nos apercebemos que a sua participação foi muito discreta, ocultada pelos restantes participantes.

Devemos notar que este estudo de caso apresenta algumas limitações relacionadas com o facto de a amostra ser reduzida, podendo estar mais identificado com um estudo exploratório. Por outro lado podemos considerar que os jovens participantes na amostra, fazem um retrato do que é ser jovem escuteiro num agrupamento pequeno e recentemente formado de uma vila altures no distrito de Aveiro.

Consideramos ser esta a maior dificuldade na definição metodológica escolhida no desenvolvimento do nosso projeto de investigação.

Na indefinição entre estudo de caso, estudo exploratório e um retrato dos jovens escuteiros de determinado agrupamento, consideramos que se trata de uma realidade reconstruída através das interpretações dos comportamentos das práticas e opiniões dos jovens escuteiros (Lahire,2004:313-340).

1.5. Os métodos de recolha de dados

A recolha de dados é um dos aspetos mais importantes da pesquisa empírica, Ana Margarida Fernandes (2012:156) refere que “estes devem ser pertinentes, de tal forma que nos permitam compreender e interpretar o fenómeno a investigar” sendo que,

“Os métodos de investigação constituem o suporte instrumental com o qual o investigador, mediante o contato direto com o objeto, recolhe e agrega um manancial de material passível de interpretação” (Silva,2004:366)

Sabendo da importância que os dados têm,

“ a escolha dos métodos de recolha dos dados, portanto, os resultados do trabalho de modo ainda mais direto: os métodos de recolha a os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos e das hipóteses de trabalho” (Quivy & Campenhoudt, 1998:185).

As técnicas de recolha de dados escolhidas para a realização deste trabalho de investigação, estão de acordo com a estratégia metodológica para o estudo de caso, articulado com a pesquisa documental, a observação participante, as conversas informais e as entrevistas por focus grupos.

1.5.1. Pesquisa documental

Para a elaboração, conceção e estruturação deste trabalho, revelou-se essencial o recurso a documentos escritos, estudos e produção de conhecimento já existentes sobre o lazer juvenil, os escuteiros e outros conceitos referidos no I capítulo deste trabalho. Permitiu cruzar informações recolhidas através da pesquisa documental, completando com a informação resultante dos focus groups realizados.

1.5.2. Focus groups

A utilização do focus groups como forma de recolha de dados foi uma opção metodológica interessante porque apresentava grandes possibilidades de entre elementos dos grupos, surgir uma troca e discussão de experiências, “permitindo a emergência na interação grupal de valores básicos que subsidiam as opiniões” (Gatti, 2005:57).

Foram realizadas visitas ao agrupamento de escuteiros que se desenvolveram de forma a integra-me nos respetivos grupos, perceber o seu funcionamento e numa fase seguinte convidar os jovens integrantes nos grupos por mim escolhidos a referir: o grupo de escuteiros pertencentes à secção dos pioneiros com idades compreendidas entre os 14 e 16 anos e o grupo pertencentes à secção dos caminheiros com jovens com idades entre os 18 e 22 anos.

O convite para a participação surge após esclarecimentos relativos ao objetivo desta recolha de dados, e sua utilização, tendo sido uma adesão voluntária.

Como foi referido foram constituídos dois grupos: o grupo dos pioneiros com 8 participantes e o grupo dos caminheiros com 6 participantes. Foram agendadas três sessões, que foram gravadas e transcritas, servindo as mesmas como base de trabalho para a realização da análise de conteúdo.

É de salientar que, apesar da pronta adesão às sessões, foi necessário articular com as chefias do agrupamento de escuteiros o agendamento das sessões no sentido de “dispensarem” algum tempo das suas atividades, durante o tempo de permanência dos

jovens nos escuteiros, uma vez que foi logo posta de lado a possibilidade de se agendar outro tempo e outro espaço. Foi cedida uma sala das instalações utilizadas pelos escuteiros, onde decorreram as sessões de focus groups.

Para a realização das sessões de focus groups foi elaborado um guião semiestruturado conforme abaixo se referencia:

Guião para focus groups
Questões introdutórias:
<ol style="list-style-type: none">1. Começo por pedir que se identifiquem e digam a vossa idade2. Onde residem3. Nº de irmãos e posição na frateria4. Escola: ano de escolaridade
Questões iniciais:
<ol style="list-style-type: none">1. O que é para vocês lazer e tempo livre?2. Como fazem a gestão desse tempo (escola; amigos; namoros; família)3. Os locais são importantes (escola; igreja, escuteiros; bares; rua...; casa)
Questões importantes – questões chave:
<ol style="list-style-type: none">1. O que é para vocês frequentar os escuteiros?2. O que vos levou a fazer esta escolha? Há quanto tempo?3. Os vossos pais tiveram influência na vossa escolha?4. E agora, o que vos leva a manterem-se nos escuteiros?

Quadro nº 1 - Guião para o focus groups

Embora se utilize a expressão focus groups, efetivamente o que acontece é que são entrevistas coletivas. Gatti (2005) refere que a utilização de entrevistas por focus groups tem potencialidades e limitações. As potencialidades estão ligadas ao trabalho de pesquisa que é desenvolvido nas ciências sociais em que,

“o próprio material que emerge nas discussões: ideias, opiniões, modos de ver, atitudes, valores que são evidenciados e processados num coletivo, mostrando mudanças, influências recíprocas, acordos e desacordos, que se produzem e se alteram ao longo da dinâmica dos trabalho” (Gatti, 2005:67).

Como limitações deste método de recolha de dados, é apontada a forma como o grupo pode ser orientado,

“na direção dos interesses e objetivos do pesquisador, isso pode interferir na acuracidade do que é dito pelos participantes do grupo, ou seja, pode haver algum impacto da atuação do moderador do grupo sobre a fidelidade das expressões e considerações, quer por intervenções, quer pela forma de conduzir o grupo ou as etapas dele, não propiciando tempo para maiores explanações e explicações” (Gatti, 2005:70).

Em conclusão, podemos considerar que em qualquer abordagem qualitativa o fator humano, quer do investigador quer dos elementos participantes no grupo podem influenciar as ideias do grupo. Gatti (2005) recomenda que, quando se utiliza o focus groups se deve ter cuidado para não se criar opiniões preconcebidas e superficiais.

1.5.3. Conversas informais

Antes de iniciar as entrevistas, conversamos com os jovens para explicar como iria desenvolver o trabalho. Questionamos os jovens se estariam interessados em participar na pesquisa, tendo todos concordado e então foi combinada melhor altura para que acontecesse a entrevista por focus groups. Destes encontros foram registadas algumas notas de terreno assinalando algumas perceções sentidas.

1.6. A análise de conteúdo como técnica de tratamento da informação

A apresentação dos resultados será um exercício de articular os sentidos dos jovens entrevistados com conhecimentos já produzidos por outros investigadores “o objetivo de qualquer investigação é responder à pergunta de partida” (Quivy,1992:211). Como primeiro procedimento são analisadas todas as informações recolhidas, ao que Quivy (1992) chama de verificação empírica. É muito importante a análise de conteúdo no tratamento da informação recolhida durante a investigação quer no que se refere a inquéritos ou a entrevistas.

A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo como um instrumento de análise interpretativa, atitude que faz parte do ser humano que deseja atingir o conhecimento a construção do conhecimento. Sendo uma atitude empírica, a análise de conteúdo de documentos, trabalhos de investigação tem por objetivo explicar e sistematizar o conhecimento articulando com os conteúdos da disciplina.

Embora a análise de conteúdo não se enquadre totalmente na objetividade exigida pela ciência, ela traz algumas vantagens. Esta análise ultrapassa os limites de análise, limitada ao conteúdo manifesto, permite reconstruir um corpo de representações através de inferências e interpretações de um determinado contexto ou grupo. Foi o que se tentou fazer com os sentidos e os dizeres do grupo de escuteiro que faz parte da amostra deste trabalho.

1.6.1. Sistema de categorização

Desta forma, e como foi referido no ponto anterior, para analisarmos os dados recolhidos durante o trabalho empírico, sendo necessário organizar toda a informação em categorias uma vez que “o trabalho do investigador consiste em procurar continuamente semelhanças e diferenças, agrupamentos, modelos e aspetos significativos” (Bell,1997:160).

1.6.1.1. Identificação de categorias

Como refere Bardin (2009:147), “a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. A codificação tem como objetivo fornecer por condensação uma representação dos dados em bruto”.

O critério que utilizamos na categorização foi o semântico e, no caso da análise de conteúdo, como refere Bardin, (2009:131) “fazemos o recorte do tema, a nível semântico” e “fazer uma análise temática consiste em descobrir núcleos de sentidos que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição pode significar alguma coisa”.

Na definição das categorias e na organização dos dados da recolha empírica e para que fossem úteis a este trabalho de investigação, tal como Fernandes (2012:170) e Bardin (2009) consideramos que as categorias deveriam reunir algumas qualidades, sendo que “cada elemento deve existir apenas numa categoria e não deve ser suscetível de pertencer a outra (exclusão mútua); a organização das categorias deve reger-se por um único princípio de classificação (homogeneidade); a categoria deve ser pertinente e adaptada ao material

de análise recolhido e pertencer ao quadro teórico (pertinência); um material ao qual se aplica a mesma grelha categorial, deve ser codificado da mesma forma, mesmo quando submetido a diferentes análises (objetividade e fidelidade) e um conjunto de categorias só é produtivo se os seus resultados forem férteis para a investigação (produtividade) ”.

A elaboração do nosso sistema de categorização resultou de uma leitura “flutuante” dos materiais, “que consiste em estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, 2009:123).

Categorias	Subcategorias
A: Tempo livre e lazer	A1: Tempo livre A2: Lazer
B: Contextos de lazer	B1: Os amigos B2: Os Lugares
C: Tempos de Lazer	C1: A escola C2: Outros tempos
D: Identidade como escuteiros	D1: Ser escuteiro D2: Atividade nos escuteiros
E: Escuteiro como escolha	E1: Escuteiro como escolha pessoal E2: Escuteiro como influencia familiar E3: Escuteiros como instituição de educação (in)formal

Quadro nº 2 - Sistema de categorização

No capítulo seguinte iremos apresentar e interpretar os dados recolhidos através de uma análise mais aprofundada sobre as informações concentradas e articuladas com os objetivos que definimos para esta investigação.

*“Quando era garoto, num grupo ingressei,
fui um pata-tenra, aprendi nós e a Lei.
E, então, fiz muitas coisas que nunca havia feito...
E tudo fiz com um jeito tal,
Que cheguei a chefe regional...”*

(Fogo de Conselho)

CAPÍTULO V – Apresentação, Análise e Interpretação dos Resultados

1. Caraterização do local de estudo de caso

1.1. Caraterização do concelho e da freguesia

O Agrupamento de Escuteiros escolhido para o desenvolvimento deste trabalho, está inserido numa freguesia com características rurais, situada na proximidade de uma cidade localizada no distrito de Aveiro.

1.2. Caraterização do Agrupamento de Escuteiros

O Agrupamento de Escuteiros participante no nosso estudo, é um agrupamento recente, com apenas nove anos a convite do pároco da freguesia à atual chefe que estava ligada a atividades da igreja e que sempre mostrou interesse no escutismo. Após ter aceite o desafio de formar um agrupamento de escuteiros, foi trilhado um caminho de formação e consolidação de ideais definidos pelo mentor e fundador dos escuteiros a nível mundial – Baden Powell.

Deu-se então início a um recrutamento de jovens através dos que já frequentavam a catequese. Foi necessário também cativar adultos para fazerem a formação para chefes.

Tem sido um projeto de construção de um agrupamento de escuteiros que constitui um projeto de desenvolvimento de todos que dele fazem parte.

1.3. Caraterização da secção dos pioneiros

Nome	Idade	Nº anos escuteiros	Residência	Escolaridade
João	15	9	Na freguesia	9º ano
Cristiana	14	7	Na freguesia	9º ano
Diana	15	9	Fora da freguesia	10º ano
André	14	7	Na freguesia	9º ano
Pedro	16	9	Na freguesia	10º ano
Beatriz	14	7	Na freguesia	9º ano
Ruben	15	7	Na freguesia	9º ano
Alexandra	15	9	Na freguesia	9º ano

Quadro nº 3 – Caraterização do grupo dos pioneiros

Este grupo é um muito homogéneo em termos de idades dos seus membros e também em termos de género, quatro raparigas (50%) e quatro rapazes (50%). Praticamente todos os elementos desta secção, os pioneiros, são residentes na freguesia a qual pertence este agrupamento de escuteiros.

1.4. Caraterização da secção dos caminheiros

Nome	Idade	Nº anos escuteiros	Residência	Escolaridade
João	19	2	Na freguesia	12º ano
Joana	20	7	Na freguesia	12º ano
Fabiana	20	6	Na freguesia	12º ano
Sónia	19	6	Na freguesia	1º ano ensino sup.

Quadro nº 4 – Caraterização do grupo dos caminheiros

No grupo de caminheiros, é um grupo mais pequeno maioritariamente feminino e com muitos anos de escutismo sendo um grupo que também fez o seu percurso acompanhando o crescimento e desenvolvimento do agrupamento ao qual fazem parte. Estes jovens escuteiros residem todos na freguesia onde está implementado este agrupamento de escuteiros

2. Apresentação e análise dos resultados

Sentidos dos jovens Pioneiros

A: Tempo livre e lazer

Através da análise de conteúdo das entrevistas realizados através de Focus Groups e depois de definidas as categorias de análise apresenta-se as vozes dos jovens escuteiros da secção dos pioneiros

A1: Tempo livre

A nossa análise centrou-se na opinião dos jovens relativamente à forma como com usam o seu tempo livre e qual o ritmo com que são praticadas. Concordamos com a opinião de José Palhares quando refere que,

“ a ideia de que é através dos usos dos tempos quotidianos que se forjam e estruturam- através de modelos, na maior parte dos casos contraditórios e incertos -, as identidades que sustentam as chamadas subculturas juvenis” (Palhares, 1995: 2)

A forma como os jovens ocupam o seu tempo e em particular os tempos livres são uma forma de compreender qual a sua integração e adaptação social.

A opinião manifestada pelos jovens pioneiros sobre o tempo livre passa pela identificação de tempos despreocupados em que escolhem fazer o que lhes apetece e também identificam os tempos em que se dedicam às relações familiares:

- “ Estar sempre positivo” (An.p)
- “ Esquecer tudo o resto” (An.p)
- “ Fazer alguma coisa que gostamos” (J.p)
- “ É quando estamos mais com a família”(An.p)
- “ Vamos levar a minha irmã à Universidade e depois acabou” (C.p)
- “ Eu por acaso é só ao domingo que estou mais com a minha família” (C.p)
- “ Às vezes dormir” (C.p)
- “ Jogar computador, gosto de passar o tempo a jogar...” An.p
- “ O tempo que é só meu gosto de passar...(risos) olha, nos meus jogos...”(P,p)
- “ Gosto de estar na natureza, observar o que se passa e isso” (D.p)
- “ Prefiro jogar à bola com os amigos ao ar livre” (P.p)
- “ Também gosto bastante de moda” (An.p)
- “ Às vezes fotografo coisas” (An,p)
- “ Eu gosto de ler mas não sob pressão” (D.p)
- “ Gosto de ler o jornal” (P.p)
- “ Gosto de ler atualidades, o que se passa” (P.p)
- “ Gosto de ler coisas criminais...investigação e isso... policiais” (D.p)

A2: Lazer

- “ Passar bem as horas e não dizer nunca mais passam estas horas” (P.p)
- “ O lazer é nessas horas não sentirmos o tempo a passar” (D.p)
- “ Tenho viola, catequese é que sou acolita” (C.p)

Os conceitos de lazer e tempo livre apesar de terem significações diferentes, eles confundem-se e até podem estar presentes numa mesma atividade, manifestam-se através das atividades a que os jovens se dedicam nos seus tempos livres – o gostar de ler, de jogar

à bola, de passear, de estar no computador e de dormir...- mas também podem sentir prazer nas atividades identificando o passar do tempo sem que disso se apercebam como uma forma de lazer.

B: Contextos de lazer

Aqui fazemos referência aos lugares em que os jovens referem como contextos de lazer, dando grande importância ao facto de estarem com os amigos.

B1: Os amigos

Tendo em consideração a categoria identificada em relação aos contextos de lazer os jovens pioneiros referem que estar com os amigos é:

“ Os amigos para mim é mais à semana.” (An.p)

“ Estar com eles” (C.p)

“ Se estamos com eles sentimos que eles nos estão a ouvir.” (D.p)

“ Ver as expressões, a explicar é mais fácil.” (D.p)

“ Falar é mais fácil do que escrever.” (C.p)

“ É uma pessoa em quem podemos confiar, podemos dar conselhos, não vai dizer a toda a gente o que nós dissemos, apoia-nos nos maus e nos bons momentos.” (D.p)

“ Não tem medo de dizer coisas que sabe que são para o nosso bem” (C.p)

“ Apoia-nos nos bons e maus momentos” (An.p)

“ Chora connosco se for preciso...preocupa-se...” (C.p)

Estar com os seus pares revela-se de grande importância e é uma das situações que estes jovens consideram fazer parte da sua vida, para poderem conversar sobre coisas boas e menos boas e sempre de forma presencial - gostam de estar uns com os outros.

B2: Os Lugares

A zona onde residem e ou estudam os jovens do nosso estudo está localizada numa zona urbana pelo que os lugares escolhidos para se encontrarem com os amigos são espaços públicos como culturais, desportivos, de socialização, religiosos e até o espaço de casa se identificam. O espaço virtual de conversa com os amigos também é referido pelos jovens como forma de interagir com os amigos. Referem também a convivência dos pais quando pretendem estar com os amigos especialmente nos espaços religiosos.

“ Shopping” (C.p); (D.p)

“ Cinema” (C.p); (D.p)

“ Ir para a Praça; passear na praça.” (C.p); (D.p)

“ De bicicleta e se chover estamos em casa um do outro” (J.p); (P.p)

“ Os parques de lazer.” (C.p)

“ Quinta da Jana.” (C.p)

“ Estamos sempre em casa.” (J.p)

“ Computador para falar com os amigos.” (P,p)

“ Os mais velhos é que vão para os bares.” (C.p)

“ Eu sim, frequento (bares).” (P.p)

“ Eu não, a minha mãe só deixa com pessoas que conheça, que são fiáveis e isso”
(An.p)

“ Igreja: uma regra geral que vamos à missa com próprios os escuteiros é uma vez por mês...encontramo-nos todos na igreja para ir à Eucaristia...” (C.p); (D.p)

“ Por vezes ficamos mais um bocadinho, os nossos pais ficam um bocado à espera...” (D.p)

“Os nossos pais esperam um bocadinho” (An.p)

C: Tempos de Lazer

Depois de analisar as descrições dos jovens, podemos elaborar um quadro demonstrativo da forma como estes usam o seu tempo e quais as atividades a que se dedicam nos seus tempos livres e de lazer.

Organização do tempo semanal do grupo dos Pioneiros

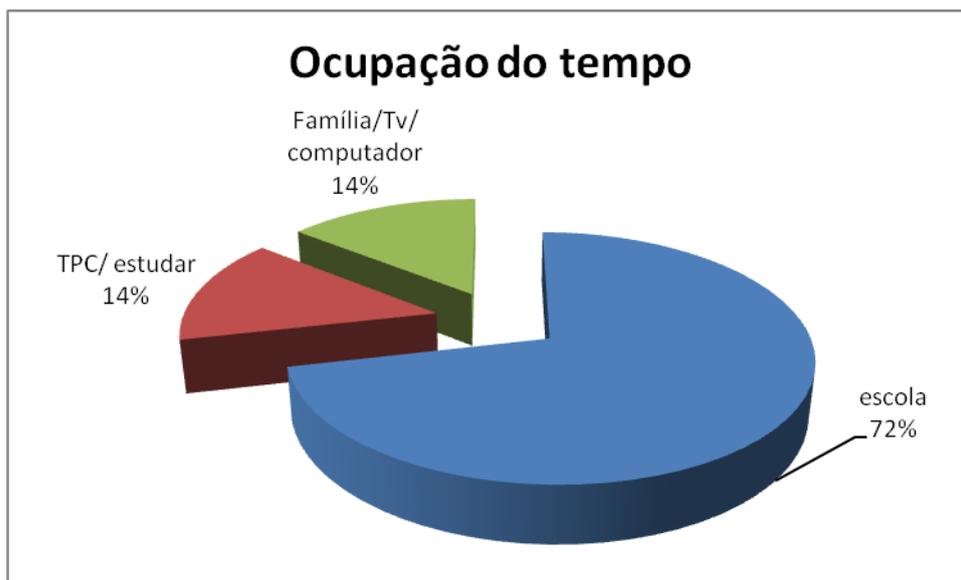
Nome	Tempo	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	4ªfeira	6ªfeira	sábado	domingo
C.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola		Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola		
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	Família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
D.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	Família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	Saídas bares/discoteca	
An.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	Família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
P.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/andar de bicicleta/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
B.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
J.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/andar de bicicleta/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
A.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	
R.p.	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família Passear/dormir/estudar Tv/computador/praça/ parque
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Catequese	
	Antes do jantar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	TPC/ Explicações/estudar	família/Tv/ computador	
	Depois do jantar	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/computador	família/Tv/ computador	

Quadro nº 5 – Organização do tempo semanal do grupo dos pioneiros

	Escola
	TPC/ Explicações/estudar
	Família/Passear/dormir/ TV/ Computador/ Ir à praça/andar de bicicleta/ estudar
	Escuteiros
	Catequese

A forma como os jovens estruturam e fazem a gestão do seu tempo, pode ser conhecida se tentarmos parcelar seu dia a dia, como podemos verificar no gráfico que se segue, a escola apresenta-se como o maior consumidor do tempo dos jovens escuteiros que fazem parte do nosso estudo (C1: A escola)

C1: A escola



Quadro nº 6 – Ocupação dos tempos do grupo dos caminheiros

C2: Outros tempos

Tentando analisar e parcelar o dia dos jovens pioneiros e como referimos a escola é uma das atividades mais absorventes do tempo dos jovens, cerca de 72% do dia, deixando pouco tempo para outras atividades de tempos livres e de lazer.

Os nossos jovens identificam que para além do tempo destinado às atividades escolares ainda têm que disponibilizar mais algum tempo para a realização dos trabalhos de casa e para o estudo (14%) e que perfaz 84% do dia destes jovens, dia este que é contabilizado em termos de tempo em que se encontram acordados acordado.

“ Eu tenho viola” (C.p)

“ Catequese, tenho a missa, sou acólita” (C.p)

“ Ao sábado nunca estamos em paz...é muito andado quase que não estou uma hora em casa.” (C.p)

“ Nós também queremos um espaço para nós fazermos aquilo que queremos...” (D.p)

“ Já andei no andebol, mas agora já não ando” (P.p)

D: Identidade como escuteiros

D1: Ser escuteiro

Marta Reis faz uma abordagem muito clara no que respeita à problemática da construção da identidade dum jovem que frequenta os escuteiros como sendo “o produto de todas as vivências, das amizades, das vezes que nos perdemos(...)” (Reis, 2013:11), também representado pelos significados pelos jovens escuteiros do nosso estudo, que consideram como principais valores de um escuteiro a amizade, a solidariedade, o respeito, o companheirismo, a aventura e o aprender coisas novas.

“ Para mim ser escuteiro é ajudar as outras pessoas, quando possível, conviver, bem aprender um pouco mais o sentido de justiça, fazer acampamentos...” (A.p)

“ Ser escuteiro é também saber respeitar os outros, acho que a base do escutismo é o respeito e é saber estar em sociedade e aprendermos a ser melhor...” (B.p)

“ Para mim ser escuteiro é uma outra forma de nos darmos aos outros. Convivo com pessoas que nos ensinam coisas novas, aprendemos coisas novas.” (An.p)

“ Para mim ser escuteiro é mais estar com os amigos, aprender coisas novas, estar mais ativo.” (P.p)

“ Ser escuteiro é estar com os amigos” (J.p)

“ É estar com os amigos e ajudarmos.” (R.p)

“ Eu ao longo do tempo modifiquei muito... as pessoas dizem “oh eras tão tímida, não falavas com ninguém e agora falas e tudo...” e era, eu lembro-me quando era

pequenita chorava em todos os acampamentos... eu não queria vir... tinha medo... (risos) tinha saudades...” (A.p)

“ Eu era muito tímida... conhecia uma pessoa, amigo da minha mãe, quando queria alguma coisa eu pedia à minha mãe para pedir a eles... eu não tinha coragem... Agora já tenho!” (B.p)

“ Eu também era muito tímido, agora estou melhor...” (An.p)

“ Eu aqui descobri uma coisa que não sabia, a paixão pela representação, o teatro.” (An.p)

“ Por vezes somos obrigados a fazer alguma coisa... também descobrimos coisas que não gostávamos mas que gostamos. Por exemplo o teatro, se não fosse aqui nos escuteiros, se calhar na escola não íamos estar a fazer teatro... (risos). Aqui fazemos e ao executar vemos que gostamos!” (P.p)

Para estes jovens a permanência nos escuteiros é muito valorizada como sendo um espaço para consolidar amizades e um tempo de aprendizagem, construção e crescimento pessoal. Tal como o nosso ilustre investigador em Ciências da Educação José Palhares que durante alguns anos esteve no escutismo ativo, refere não se lembrar de quando entrou para a escola mas que continua a lembrar-se das datas significativas nos escuteiros (Reis, 2013), também os nossos jovens escuteiros consideram de grande significado as suas experiências nos escuteiros.

D2: Atividade nos escuteiros

Apesar de estar sujeito a um modelo de educação organizado e estruturado os jovens escuteiros não identificam de forma clara que esse facto seja uma forma de condicionar o seu envolvimento nas atividades com todo o rigor que um modelo de inspiração militar acarreta.

“ Eu acho que vale a pena...porque cada atividade que fazemos bem estamos a dar um pouco mais de nós...aprende-se mais e planeamos as nossas atividades acho que é bom e temos mais responsabilidades.” (A.p)

“ Estamos a conviver ao sábado... Aqui criamos o hábito...”(An.p)

“ É uma atividade para nos divertirmos também...com outro tipo de amigos que não os da escola...fazemos outro tipo de atividades...passamos um bocado de tempo, para não ficarmos em casa.” (P.p)

“ É para estar com os amigos” (R.p)

“ Nós aqui fazemos outro tipo de atividades que se calhar se estivéssemos em casa ninguém fazia...é uma forma de ocupar o tempo em vez de estarmos a ver televisão ou no computador, estamos aqui a socializar...aprende-se mais” (A.p)

“ Muita gente devia saber o que é o escutismo em si.” (B.p)

“ O que as pessoas sabem é uma coisa mas nós sabemos que a realidade é outra.”
(B.p)

“Acho que é mais fácil integrarmo-nos desde pequenos do que mais velhos...também nos adaptamos mas conhece-se toda a gente, muito mais fácil.”
(A.p)

“ Estamos muito mais ligados aos chefes.” (B.p)

Estes jovens têm consciência que a imagem que os outros fazem deles enquanto escuteiros não corresponde à sua sensibilidade em relação ao que é ser escuteiro. Para estes jovens é um projeto de vida que os tem ajudado a construir a sua identidade bem como a identidade do grupo enquanto escuteiros pioneiros.

E: Escuteiro como escolha

E1: Escuteiro como escolha pessoal

A escolha da entrada nos escuteiros está intrinsecamente ligada à Igreja Católica e muito especificamente a frequência da catequese. A maioria dos jovens foi incentivada a fazer parte deste agrupamento de escuteiros através de convite, enquanto participantes da catequese.

“Andava na catequese a chefe Joana vestida de fada madrinha e convidou...eu fiquei logo “ui, que fixe!!!”...” (B.p)

“Gosto de andar aqui e não porque me obrigam...” (B.p)

“A mim também foi na catequese... entregaram uns panfletos” (A.p)

“A mim foi uma amiga que me aconselhou, quis experimentar, gostei e depois continuei.”(An.p)

“A mim foi a filha dos amigos meus... perguntei como se entrava para lá” (P.p)

“A mim foi por um amigo, ele andava cá também” (R.p)

“Eu fui pela catequese, já cá estou desde o início” (J.p)

E2: Escuteiro como influência familiar

Para estes jovens pioneiros a decisão de entrada para os escuteiros foi uma decisão pessoal em que os pais apenas os alertaram para o excesso de atividades e para o facto de ser uma atividade com regras. Para estes jovens que participaram na fundação da secção e acompanharam o seu crescimento a permanência nos escuteiros faz parte do seu projeto de vida, do seu crescimento pessoal e social,

“Os meus pais disseram “Oh! Vais-te cansar” e eu entrei e não, e já estou aqui há quase 9 anos” (B.p)

“Quando cheguei a casa disse aos meus pais que queria... que queria ver... e eles... Eu já tinha bastantes atividades no meu horário e eles viram aquilo como mais uma e que iria desistir muito facilmente, mas depois perceberam que não...”(A.p)

E3: Escuteiros como instituição de educação (in)formal

Como poderemos constatar pelas opiniões dos jovens pioneiros que pretendem manter-se nos escuteiros enquanto puderem, uma vez que, consideram de grande valor tudo o que

aprenderam e que podem aprender enquanto permanecerem como escuteiros e pelas relações de amizade criadas.

“Eu gostava de me manter aqui, o tempo que eu puder estar eu estou, se alguma coisa me impedir de eu vir... ali só se for mesmo extrema e que eu desista. Porque eu acho que nos escuteiros se aprende bastantes coisas... aprendemos a melhorar a nossa personalidade... uma das coisas boas em termos das relações criadas entre nós é que nós conseguimos ter amigos e podemos dizer aos outros o que achamos mal, o que devemos mudar entre os nossos chefes e já me disseram há muitos anos, e ao longo dos anos foram dizendo o que eu tinha de mudar e eu fui tentando mudar essas coisas” (B.p)

“Acho que é importante para o nosso futuro, nós aprendemos bastantes coisas... não só somos todos colegas... Quero manter-me aqui muitos mais anos até acabar... acho que é bom aprendermos valores, aprendemos a relacionar-nos com as pessoas que têm personalidades totalmente diferentes e ... aprendemos muitas coisas acerca da vida, que não é tudo um mar de rosas... temos que trabalhar para isso.” (An.P)

“ Eu quero me manter aqui sempre que puder, sei que às vezes pode não ser fácil, vamos passar uma fase da vida que vai começar a travar... não sei quando vou começar a trabalhar... temos atividade ao sábado de manhã... muitas vezes o trabalho também é ao sábado de manhã... não sei o futuro mas sei que enquanto puder eu quero vir aqui... quero estar aqui... muitas vezes o que nos agarra aos escuteiros são os amigos e as pessoas que cá estão.” (P.p)

“ Eu também quero vir para aqui... mas não sei se vou continuar” (R.p)

“ Isto aqui, ninguém está por obrigação. Quem não quiser estar aqui diz facilmente aos pais, acho eu... até porque é um bocado diferente... (riso) isto é outro tipo de convívio... somos amigos, temos atividades diferentes.” (P.p)

“ Acho que são as duas coisas, é o nosso lazer com as regras dos escuteiros... por exemplo, logo vamos fazer um teatro, logo à noite, com as regras dos escuteiros, mas é um modo de lazer... nós gostamos de fazer teatro... é uma coisa que nós

gostamos... Não são bem regras... são coisas impostas é sobre o Natal... fazemos o pai natal... (risos) (P.p)

“ Por vezes, há coisas que nós não queremos muito fazer... mas ao termos que fazer acho que passamos a gostar dessas coisas” (P.p)

Sentidos dos jovens Caminheiros

A: Tempo livre e lazer

Através da análise de conteúdo das entrevistas realizados através de focus groups e depois de definidas as categorias de análise apresenta-se as vozes dos jovens escuteiros da secção dos caminheiros.

A1: Tempo livre

Os jovens caminheiros referem ocupar o seu tempo livre como um tempo despreocupado em que não fazer nada, ver televisão ou estar no computador como utilizadores das redes sociais é o que mais gostam de fazer quando têm tempo livre.

“Sem nada para fazer é estar em casa e não fazer nada (risos)” (F.c)

“Ver televisão deitada no sofá!” (Joa. c)

“Nas redes sociais” (Joa.c)

“Quando não tenho nada para fazer estou nas redes sociais.” (F.c)

A2: Lazer

Lazer é identificado como sendo um tempo e um espaço que é utilizado de forma a tirarem o maior proveito. Dumazedier define lazer como sendo:

“ um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social

voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (Dumazedier,1976: ...).

Podemos identificar que para estes jovens caminheiros lazer é:

“ É uma espécie... espaço em que nos encontramos todos e fazemos uma determinada coisa que gostamos” (f.c)

“ Fazemos o que gostamos com quem gostamos” (S,c)

“ Ah eu...(risos) o meu fim de semana é um carnaval” (F.c)

“ Escuteiros de manhã...à tarde vão para o grupo de precursão...” (J.c)

“ Nos Ecos Urbanos, também sou lá voluntário” (J.c)

B: Contextos de lazer

“O espaço de lazer é um espaço diferente dos outros (...). É um espaço vivencial, onde o objetivo precípua é o viver pelo viver, é ter oportunidade de ocupar o tempo livre para exprimir as necessidades individuais, físicas, sociais, artísticas, etc.” (Dumazedier, 1980:55).

B1: Os amigos

Apesar dos jovens caminheiros fazerem referência de fazerem a amigos escuteiros como muito importantes nas suas relações com os pares, também referem que ter outro grupo de amigos que nada têm a ver com os escuteiros mas que são igualmente importantes e a quem fazem reparos por não valorizarem a sua escolha e participação nos escuteiros.

Consideram que os escuteiros são um dos principais contextos de aprendizagem em que acham que os seus pares não valorizam da mesma forma como eles vêm e sentem a sua participação nos escuteiros quer seja pelo que vestem quer pelo que fazem,

“ O que mantem aqui são os amigos” (Joa.c)

“ Isto é uma segunda casa.” (F.c)

“ Terceira casa (falta a escola). Ah! fazemos parte da mobília... (risos)” (J.c)

“ Os meus amigos da escola: “escuteiro de saia...não sei quê”, eu digo “tá calado ser escuteiro até é porreiro”. Neste momento até já gostam...”(F.c)

“ Nós éramos muito criticados pela maneira como nos vestíamos e depois por sermos como hei de explicar, por ajudarmos os outros.” (S.c)

“ A juventude de hoje não é muito...Existem aqueles que não querem fazer nada...eu por exemplo sou a única na turma que sou escuteira e fui um bocado criticada porque era considerada como “betinha”...Eles pensam que nos escuteiros é tudo certinho...” (Joa.c)

B2: Os Lugares

Os jovens caminheiros dizem preferir como lugares de lazer aqueles que estão ligados a associações de voluntariado, a espaços públicos de lazer, a espaços de convívio ou até ficar em casa.

“Nos Ecos Urbanos, também sou lá voluntário...eh...e para a noite é sair...” (J.c)

“Bares, discotecas... (risos) “ (F.c)

“Nos bares, é...é...” (J.c)

“É raro...eu não saio, sou mais caseira” (Joa.c)

“Eu acho, a praça.” (F,c)

“Vamos para conversar e calmo com música.” (J.c)

C: Tempos de Lazer

Organização do tempo semanal do grupo dos Caminheiros

Nome	Tempos	2ªfeira	3ªfeira	4ªfeira	4ªfeira	6ªfeira	Sábado	domingo
Joa.c	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Tarefas domésticas	Passear/dormir/ estudar
	Antes do jantar	TPC/ estudar	Família/Tv/c omputador	Tv/computador				
	Depois do jantar	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ Computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/c omputador	Família/Tv/c omputador	Família/Tv/ computador	
Fa.c	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Tarefas domésticas	Família Passear/dormir/ Estudar
	Antes do jantar	TPC/ estudar	Família/Tv/ computador	Tv/computador				
	Depois do jantar	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ Computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ computador	Bares / discotecas	
S.c	Manhã	Universidade	Universidade	Universidade	Universidade	Universidade	Escuteiros	Família
	Tarde	Universidade	Universidade	Universidade	Universidade	Universidade	Estudar	Passear/dormir/ Estudar
	Antes de jantar	TPC/ estudar	Família/Tv/ computador	Tv/computador				
	Depois de jantar	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ Computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ computador	Família/Tv/ computador	
J.c	Manhã	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Escuteiros	Família
	Tarde	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Grupo de precursão	Passear/dormir/ Estudar
	Antes de jantar	TPC/ estudar	Família/Tv/ computador	Tv/computador				
	Depois de jantar	Família/Tv/ comput./ginásio	Família/Tv/c omput./ginásio	Família/Tv/ comput./ginásio	Família/Tv/ comput./ginásio	Família/Tv/ comput./ginásio	Bares / discotecas	

Quadro nº 7 – Organização semanal dos tempos do grupo dos caminheiros

	Escola/ Universidade
	TPC/estudar
	Família/Passear/dormir/TV/ Computador/ginásio/estudar/Saidas a bares/ discotecas
	Escuteiros
	Trefas domésticas/associações culturais – grupo de precursão/estudar

C1: A escola

Como podemos verificar a escola monopoliza o tempo útil de que os jovens dispõem quando não estão a dormir, e disso fazem referência quando se pergunta de que forma ocupam p ser tempo diário e semanal.

Os jovens têm consciência de que o seu tempo é absorvido pelo tempo de permanência na escola e pelas tarefas inerentes ao estudo, e vão fazendo estas observações:

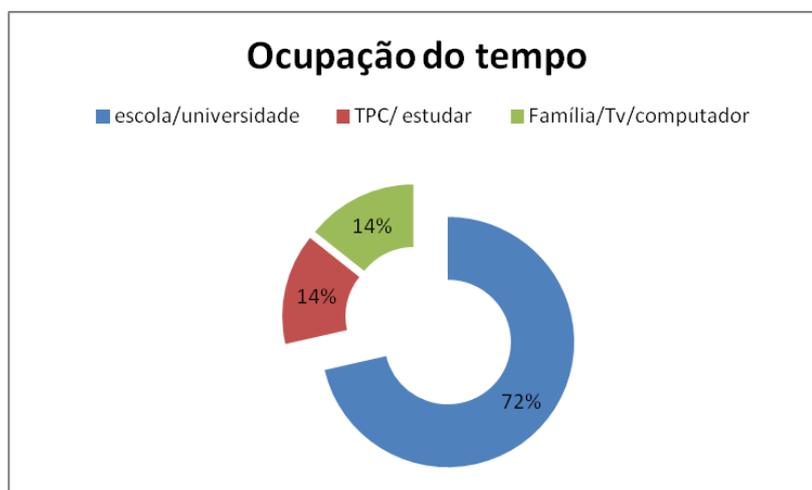
“Primeiro está a escola não é!... (F,c)

“Por acaso é (risos) só traz trabalhos.” (F.c)

“É um bocado monótono, é casa-escola e escola-casa.” (S.c)

“Tenho que estar na escola por volta das 8 e saio da escola por volta das 6,” (J.c)

A vida dos jovens está organizada e regulada em função do tempo destinado às tarefas da escola e outras com esta relacionadas como é o caso dos trabalhos de casa e o estudo.



Quadro nº 8 – Ocupação dos tempos dos caminheiros

C2: Outros tempos

“Existe uma distinção entre “papéis de trabalho” (muito fragmentados no tempo, espaço) e “papéis de lazer” (muito específicos e ligados a uma atividade), no entanto, o papel da família normalmente prevalece no tempo, espaço, a nível financeiro e pessoal, assim como as nossas formas de interagir e o sentido de responsabilidade“ (Kelly,1995:44).

Com o tempo praticamente tudo ocupado com a escola e com as tarefas a ela inerentes, como o estudo e os trabalhos de casa estes jovens caminheiros ficam com pouco tempo para fazerem muito mais coisas, para além de dedicarem o sábado de manhã para os escuteiros, as jovens também referem fazer parte da ocupação do seu tempo livre a realização de tarefas doméstica, como por exemplo, arrumar a casa.

Apenas o jovem caminheiro faz referência a atividade física desportiva como forma de ocupar o ser tempo livre entre o tempo destinado á escola e o seu regresso a casas.

D: Identidade como escuteiros

Cada jovem escuteiro “escolhe o seu percurso optando por aquilo que são os seus interesses e capacidades seguindo o caminho para onde devem apostar (...)” de acordo com as indicações do livro do Diário de Percurso dos caminheiros

D1: Ser escuteiro

Para estes jovens a escolha de ser escuteiro tem a ver com o sentimento que cada um demonstra ter como sendo,

“O sentido de responsabilidade.” (Joa.c)

“Socializar...eu no início quando entrei para os escuteiros (risos) era muito tímida (risos), quando falavam para mim ficava logo vermelha... (risos)” (F.c)

“Eu também era muito tímida mesmo, afastava-me do grupo...não tinha receio...não sei... tinha vergonha...achava que os outros eram superiores a mim. Mas com o passar dos anos a entrada nos escuteiros fez-me bem.” (Joa.c)

“Primeiro para socializar não é... (risos)” (F.c)

“Ajudar os outros.” (J.c)

“Ajudar, servir...” (F.c)

D2: Atividade nos escuteiros

Pelo que nos revelam estes jovens, as atividades que realizam nos espaços e tempos que frequentam os escuteiros servem essencialmente uma postura de saber fazer e saber ser, respeitando os outros e promovendo uma forte consciência ambiental através do respeito pela natureza e tudo o que ela pode proporcionar, senso que a “proposta de Baden-Powell é

que cada jovem agarre – ele próprio – a sua emancipação, que conduza e impulsiona a sua própria canoa”. (Diário de Percurso)

“Aprendes muita coisa, até a fazer uma mesa e assim” (J.c)

“Aprendemos a viver lá fora.” (S.c)

“Respeitamos mais a natureza”” (J.c)

“O que eu sou aqui também sou lá fora” (F.c)

“Acho que temos a vantagem de os nossos chefes serem novos, acho que quanto mais velhos...mais idade mais exigentes acabam por ser.” (S.c)

“Mas em geral não é uma tropa.” (Joa,c)

“Se pensássemos assim que era uma seca ficávamos a dormir em casa” (Joa.c)

E: Escuteiro como escolha

A entrada nos escuteiros poderia ter sido uma escolha pessoal ou por imposição familiar, que para estes jovens caminheiros se tratou de uma escolha pessoal com alguma influência de outros jovens familiares e ou amigos que já frequentariam os escuteiros.

E1: Escuteiro como escolha pessoal

Para estes jovens ser escuteiro fazia parte de um processo de construção do projeto de criação de uma secção de escuteiro que começou a ser pensada para aquela freguesia,

“O meu irmão entrou primeiro e eu via as atividades e interessei-me e pedi aos meus pais” (Joa,c)

“Eu foi por causa das minhas primas. Elas iam e depois comentavam” (J.c)

“A minha irmã entrou e eu não por causa da idade. Eu primeiro estava reticente não sabia se ia ter amigos, se me ia integrar naquilo e os meus pais disseram “vai se gostares ficas”...e fui sempre...nunca mais” (S.c)

“Eu era amiga da chefe há muitos anos e ela quando decidiu abrir a secção perguntou se eu não queria vir...e cá estou” (F.c)

E2: Escuteiro como influencia familiar

Quando a pergunta de que forma a sua entrada para os escuteiros teve a ver com influência ou obrigação por parte dos familiares, as respostas foram unânimes no sentido de recusarem essa influência

“Não” (todos)

E3: Escuteiros como instituição de educação (in)formal

Para estes jovens escuteiros o escutismo é uma instituição de educação, com regras mas que fazem parte de um processo de crescimento pessoal e coletiva pelas experiências que proporciona, manifestando as suas opiniões como abaixo transcrevemos.

“Educação.”(F.c)

“Estou há pouco tempo mas também acho que é educação.” (J.c)

“Acho os escuteiros uma escola de educação! Por exemplo: uma criança entra, começa com mais ou menos 6 anos ainda numa fase de crescidinho aqui aprende milhentas coisas e sai daqui uma pessoa completamente mudada não por ser um regime militar mas por aquilo que aprendem...” (F.c)

“Mais respeitada...” (J.c)

Considerações finais

Nas considerações finais considerou-se importante fazer uma reflexão sobre a conceção e desenvolvimento deste projeto de investigação realizado no sentido de finalizar um percurso académico, como é o caso da obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação. Para além dos constrangimentos e limitações não podemos deixar de fazer referência aos aspetos positivos deste projeto.

Antes de passar às conclusões relativas à pesquisa realizada, gostaríamos de referir que durante o desenvolvimento da investigação surgiram muitas dúvidas, avanços e recuos e por vezes até com desânimo, situação que tentamos ultrapassar com trabalho, paciência e determinação. Como positivo este trabalho provocou a procura e conhecimento de temas muito interessantes como os que se abordaram neste projeto, em especial um melhor conhecimento sobre o movimento escutista através dos contactos com os jovens escuteiros do Agrupamento que fez o favor de nos acolher com simpatia e isenção.

Depois de realizarmos um trabalho de análise dos dados recolhidos podemos concluir que:

1 – O movimento escotista é sem sombra de dúvida um dos maiores movimentos juvenis associados à educação não formal sendo que a fronteira entre a educação formal e que as atividades realizadas pelos escuteiros são de cariz organizado e sistemático muito próximo do que se possa entender como educação formal próxima da realizada pela escola, sendo que a fronteira entre o formal e o não-formal é muito ténue.

2 - As famílias têm um papel importante na vida dos jovens sendo proactivas nas escolhas, tentando encaminhar as suas vontades e pretensões para uma escolha que em seu entender possa contribuir para o seu sucesso pessoal, académico e profissional. Quando os pais investem em atividades de ocupação dos tempos não escolares dos seus filhos pretendem que estas escolhas sejam do agrado e se vão ao encontro dos desejos dos jovens filhos (as).

3 – Podemos considerar que os jovens escuteiros raparigas e rapazes têm tratamentos e participações iguais no contexto dos escuteiros. Cada vez mais se nota um aumento de raparigas na frequência dos escuteiros, num projeto que foi pensado para rapazes apesar de, por pressões sociais, a irmã de Baden-Powell ter adaptado o projeto para as raparigas e

que passaram a ser designadas por guias. Nesta perspectiva ser raparigas ou rapazes não parece ser um problema sentido pelas jovens e pelos jovens escuteiros do nosso estudo.

4 – Também para os nossos jovens escuteiros, os conceitos de lazer e tempo livre que apresentam significações diferentes, são confundidos e até podem estar presentes numa mesma atividade, manifestando-se através das atividades a que os jovens se dedicam nos seus tempos livres – o gostar de ler, de jogar à bola, de passear, de estar no computador e de dormir...- mas que também podem sentir prazer nas atividades, identificando o passar do tempo sem que disso se apercebam, como uma forma de lazer.

5 – A escolha de entrar para os escuteiros tanto para os jovens pioneiros como para os jovens caminheiros tratou-se de uma decisão pessoal, apesar do apoio da família, constituindo um caminho que tem como origem a frequência na catequese. Foi através da frequência da catequese, que estes jovens tiveram conhecimento da vontade de criar um agrupamento de escuteiros naquela localidade.

6 – Analisando o dia dos jovens pioneiros e caminheiros referimos que a escola é uma das atividades mais absorventes do tempo dos jovens, cerca de 72% do dia, deixando pouco tempo para outras atividades de tempos livres e de lazer. Os nossos jovens identificam que para além do tempo destinado às atividades escolares ainda têm que disponibilizar mais algum tempo para a realização dos trabalhos de casa e para o estudo sobra muito pouco tempo para que estes jovens se dediquem a outras atividades de lazer e ocupação de tempo livre.

7 - Pelo que nos revelam estes jovens, as atividades que realizam nos espaços e tempos que frequentam os escuteiros servem essencialmente uma postura de saber fazer e saber ser, respeitando os outros e promovendo uma forte consciência ambiental através do respeito pela natureza e tudo o que ela pode proporcionar.

8 - É incutido nos jovens que frequentam os escuteiros que a sua passagem pelas secções deve ser vividas como um jogo e jogada segundo as regras definidas, ultrapassando as etapas de um percurso de crescimento pessoal e coletivo tendo como valores a solidariedade, amizade, o companheirismo e o respeito por si e pelos outros bem como pelo espaço que os rodeiam.

9 – Para estes jovens a sua presença nos escuteiros tem como objetivo estar com os amigos e tirarem o maior proveito possível das atividades que lhes são propostas pelos chefes.

10 – O vestuário que os identifica e distingue surge como uma forma agradável que deixou de ser motivo de gozo ou de riso por parte de outros pares que não frequentam os escuteiros. O facto de andarem de “calções e de meia”, para eles é um motivo de orgulho, em especial a responsabilidade de usar o lenço e as insígnias lá colocadas.

**“Tudo o que vou sendo
é como a entropia:
aquela desordem caótica
que misteriosamente
galga o tempo
e gera poças de harmonia...”**

(João Paiva)

Referências bibliográficas

Abrantes, Pedro (2003) *Os Sentidos da escola*. Oeiras: Celta Editora.

Afonso, Natércio (2005). *Investigação Naturista em Educação: Um guia prático e crítico*. Lisboa: Edições ASA.

Alves, Natália (2005) *Juventudes e inserção profissional*. Lisboa, Coleção Ciências da Educação

Baden-Powell, R. (1977). *Escutismo para rapazes*. Amadora: Edição do Corpo Nacional de Escutas 5ª Edição

Bardin, Laurence (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa.: Edições 70

Bastin, Robert (1980). *Baden-Powell- Cidadão do mundo*. Damaia: Edição do Corpo Nacional de Escutas 2ª Edição

Bell, Judith (1997). *Como realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa Gradiva

Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto editora

Burgess, G. R. (2001). *A Pesquisa de Terreno, Uma Introdução*. Oeiras,,: Celta Editora

Canário, Rui (2005). *O que é a escola? Um olhar sociológico*. Porto. Porto Editora

Correia, Ana Catarina, (2010), *Animação Sociocultural: Uma forma de Educação Permanente e ao Longo da Vida para um Envelhecimento Activo*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho. Braga Retirado a 22 de agosto de 2013 <http://hdl.handle.net/1822/16865>

Correia, José A., Matos, Manuel (2001), “Da Crise da Escola ao Escolocentrismo”, em Stephen R.Stoer, Luíza Cortesão e José A. Correia (orgs.), *Transnacionalização da Educação. Da Crise da Educação à Educação da Crise*, Porto, Afrontamento, pp. 91-117.

Cortesão, L. (2000). A escola ainda pode sobreviver. *Jornal o Publico*, Novembro, p. 32

Cosme, A e Trindade, R (2010). *Educar e Aprender na Escola: Questões, desafios e respostas pedagógicas*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Costa, A. S. (2001) *Políticas de Juventude: regulação e/ou emancipação*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. FPCE (policopiado)

Dumazedier, Joffre (1974) *Sociologia Empírica do Lazer*. Éditions du Sileuil

Fernandes, Ana margarida Duarte, (2012). *A Municipalização da Educação e a Escola a Tempo Inteiro: estudos de caso de duas Câmaras Municipais da região Norte do país*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. FPCE (policopiado)

Fonseca, Laura (2001). *Culturas Juvenis, percursos femininos: experiências e subjetividades na Educação*. Oeiras: Celta Editora

Fonseca, Laura (2009) *Justiça Social e Educação. Vozes, Silêncios e Ruídos na escolarização das raparigas ciganas e payas*. Porto: Edições Afrontamento

Freire, Paulo (1997), *Política e Educação*, São Paulo, Cortez Editora, 3ª.ed.

Freire, T. (1989). Lazer e desenvolvimento humano. *Jornal de Psicologia*, 8,27-31.

Freire, T. (2001) Ócio e tempo livre. Perspetivar o lazer para o desenvolvimento. Universidade do Minho Retirado a 12 de dezembro de 2012
ruc.udc.es/dspace/bitstream/2183/6892/1/RGP_7-28.pdf

Gatti, Bernardete Angelina, (2005). *Grupo focal em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro

Giddens, A.(1990). *As Consequências da Modernidade*, Lisboa: Celta (1992)

GOHN, M. Glória (2001). *Educação nãoformal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez. 2ª ed.

Inácio, Armando (1983). *O fogo do concelho*. Lisboa: Associação dos escuteiros de Portugal

Lahire, Bernard (2004), *Retratos Sociológicos*. Porto Alegre, pp 313-340
<http://www.slideshare.net/MaraSalvucci/retratos-sociologicos-bernard-lahi>

Lazer: concepções e vivências de uma juventude, Retirado em 19 de novembro de 2012 -
<http://hdl.handle.net/10216/20769>

Leccardi, Carmen (2005) Para um Novo Significado do Futuro: mudança social, jovens e tempo, *Tempo Social*, 2, 35-57

Libâneo, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos para quê?* São Paulo: Cortez, 2001.

Maia, Rui (2007), *Discípulos de Baden-Powell: Sociologia das representações e das expectativas do escutismo em Portugal*, Relatório final do projeto

Pais, José Machado (1990) *Lazeres e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica*, *Análise Social*, vol. XXV (108-109), 1990 (4.º e 5.º) 591-644
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034680R2wZZ4cf6TI39AV5.pdf>

Pais, José Machado (coord) (1999) *Traços e Riscos de Vida. Uma abordagem qualitativa a modos de vida juvenis*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais

Pais, José Machado, Bendit, René, Ferreira, Vitor Sérgio (2011) *Jovens e Rumos*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais

Paul (2005) *Cultura Viva: entrevista com Paul Willis, Roger Martínez*, *Tempo Social*, 2, 301-333

Pereira, Beatriz e Neto, Carlos (1999). Saberes sobre as Crianças. In Manuel Pinto e Jacinto Sarmiento (Coord.). *Para uma Bibliografia sobre a Infância e as Crianças em Portugal (1974-1998)*. Braga, Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 85-107.

Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc Van (1992). *Manual de Investigación en Ciencias*

Reis, Marta (2013) *O Livro dos Escuteiros*. Lisboa, Oficina do Livro

Silva, Sofia Marques da (2008b) *Estratégias juvenis para “fintar” as fragilidades. A construção da pertença a uma casa de juventude no Norte de Portugal*, Revista Educação, Sociedade e Culturas 27, 27-51

Stoer e Araújo (1991). *Escola e aprendizagem para o trabalho num país da (semi) periferia europeia*. Porto: Instituto de inovação educacional

Stoer, S. R. e Magalhães, A. M. (2005) *A Diferença Somos Nós – a gestão da mudança social e as políticas educativas e sociais*. Porto: Ed. Afrontamento

Stoer, Stephen R., Magalhães, António M. e Rodrigues, David (2004), *Os Lugares da Exclusão Social*. S. Paulo: Cortez Editora

Trilla Ternet, Jaume (1998), *La Educación Fuera de la Escuela. Ámbitos no formales y educación social*, Barcelona, Ariel, 3.ª ed.

Trindade, R. e Cosme, A. (2010). *Educar e Aprender na escola. Questões, desafios e respostas pedagógicas*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação. Como conceder e realizar o processo de investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Vale, Marta (2009), *Circuitos juvenis de lazer - um estudo sobre lazer de rapazes e raparigas no centro histórico do Porto*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. FPCE (policopiado)

Vicente, Ana (2004), *A Introdução ao Escutismo em Portugal*, Lusitania Sacra, Lisboa
Retirado a 20 de agosto de 2013 <http://hdl.handle.net/10400.14/4476>

Willis, Pais, José Machado (2005) *Jovens e Cidadania, Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 49, 2005, pp. 53-70 <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf>

ANEXOS

1ª Sessão – Focus group - pioneiros

- Sou o Pedro tenho 16 anos, vivo em Arrifana, não tenho irmãos e ando numa escola em S. João da Madeira no 10º ano a tirar um curso, no ciclo.

- Sou o João tenho 15 anos, tenho uma irmã anda aqui nos escuteiros mais velha, ando no 9º ano e vivo na Arrifana.

- Cristiana tenho 14 anos, uma irmã nos escuteiros, é mais velha, estou no 9º ano e vivo na Arrifana..

- André 15 anos tenho um irmão mais novo que anda aqui nos escuteiros, ando no 9º ano e vivo na Arrifana.

- Diana vivo em Fiães, tenho 15 anos, não tenho irmãos e ando no 10º ano

Eu - O que é para vocês o lazer e o tempo livre?

André - Estar sempre positivo e esquecer tudo o resto.

Pedro - Passar bem as horas e não dizer nunca mais passam estas horas.

Cristiana - O lazer é nessas horas não sentirmos o tempo a passar.

João - fazer alguma coisa que gostamos.

Eu - Como fazem a gestão desse tempo? Durante o dia e durante a semana.

Cristiana- Vamos para as aulas e estamos com os amigos. De tarde vamos para as explicações quem tem explicações e estar com os amigos se puder e depois vai para casa. À noite, estudar para os testes e assim, comemos, estamos um bocadinho com a família, ver televisão, estar à lareira e depois para a cama.

Diana- No fim de semana cada um tem as suas atividades, é que eu tenho outras atividades.

Eu - Podes falar delas?

Cristiana - Tenho viola, catequese é que sou acolita.

André - O fim de semana é quando estamos mais com a família digamos,

Cristiana - Eu por acaso é só ao domingo que estou mais com a minha família. o meu pai trabalhar e a minha mãe está a fazer horas. Vamos levar a minha irmã à Universidade e depois acabou.

Eu - Qual é o tempo que dedicam à família e aos amigos ao fim de semana?

André - Os amigos para mim é mais à semana e ao sábado e domingo os pais querem estar mais connosco também.

Eu - Não têm saídas?

Cristiana - Sim, sim.

Eu - Que espaços frequentam?

Cristiana - Shopping, shopping, cinema, passear na praça.

Pedro - Nós os dois costumamos andar de bicicleta (Pedro, João) e se chover estamos em casa um do outro.

João - Estamos sempre em casa.

Eu - Vocês utilizam o computador para falar com os amigos?

Diana - Sim, Sim.

Cristiana - Sim

Eu - O que acham mais interessante, é estar com os colegas presencialmente ou estar a conversar no computador ou online?

Diana- Estar com eles, por exemplo, se estamos com eles sentimos que eles nos estão a ouvir, no computador não temos aquela coisa de saber se ele nos está a perceber nem nada. Ver as expressões, a explicar é mais fácil.

Cristiana - Falar é mais fácil do que escrever, estar com os amigos.

Eu - E os espaços para vocês, é importante o espaço onde vocês se encontram com os amigos ou é indiferente?

Pedro - É importante.

Cristiana - É importante, sentimos um bocado livres...por exemplo, a escola vão lá todos os dias sentimos um bocado presos...sempre dentro das mesmas paredes e isso. Quando saímos para outros espaços sentimos mais livres, mais descontraídos e tudo...

Cristiana - Os locais é o shopping, cinema, os parques de lazer, Quinta da Jana, ir para a Praça. Os mais velhos é que vão para os bares.

Pedro - Eu sim, frequento.

André - Eu não, a minha mãe só deixa com pessoas que conheça, que são fiáveis e isso.

Eu - Quando sentem, se é que sentem alguma diferença pelo facto de serem raparigas ou rapazes?

Diana- Não, desde que sejam amigos.

Eu -Quem escolhem para sair?

Diana - Com quem confiamos.

Cristiana - Desde que sejam amigos.

Pedro - Rapazes ou raparigas é igual, são amigos isso é que é importante.

André - São do mesmo sexo...(risos) A amizade está acima do sexo...

Eu - Então o que é que vocês consideram um amigo?

Diana - É uma pessoa em quem podemos confiar, podemos dar conselhos, não vai dizer a toda a gente o que nós dissemos, apoia-nos nos maus e nos bons momentos.

Cristiana- Não tem medo de dizer coisas que sabe que são para o nosso bem...

André- Apoia-nos nos bons e maus momentos.

Cristiana - Chora connosco se for preciso...preocupa-se...

Eu - Como estuteiro...A igreja é também um ponto de encontro ou isso é uma coisa à parte?

Pedro - Nós temos uma regra geral que vamos à missa com próprios os escuteiros é uma vez por mês...encontramo-nos todos na igreja para ir à Eucaristia...mas...de que forma para sair para outro lugar? Ou para ir à igreja.

Eu - Não, não quando vão à igreja é uma forma de estar com os amigos ou é uma coisa à parte...vão porque têm fé...

Se combinaram por exemplo meia hora antes ou depois da Eucaristia ficam mais um bocadinho...

Diana- Por vezes ficamos mais um bocadinho, os nosso pais ficam um bocado à espera...ficam mais um bocadinho.

André – Os nossos pais esperam um bocadinho...

Eu - Ainda não percebi muito bem como é que vocês fazem a gestão do vosso tempo com os amigos. Têm que me explicar um bocadinho melhor. Vão para a escola e têm tempo em casa, não é? Nesse tempo o que é que vocês fazem?

Diana - Estamos com os pais.

Cristiana - Convidamos os amigos para irem lá, fazemos à vez, mandamos mensagens.

Eu - Durante a semana vocês não fazem qualquer coisa que gostem? Ler, por exemplo.

Pedro- É computador.

André - É computador.

Diana - Ver filmes e comer pipocas.

Pedro- Durante a semana é chegar a casa, fazemos os deveres, estudamos um bocado. Enquanto a comida não está pronta vou à beira dos meus pais e fico lá a falar com eles...Depois de comer posso estar um bocado no computador a falar com os meus

amigos...Mais ou menos até às 10 horas...Depende se acabar de comer cedo posso estar mais um bocado, se acabar tarde estou menos tempo, ou nem vou.

Andre´ - Já estamos cansados.

Pedro - Ultimamente tenho estado muito no computador por causa dos trabalhos.

Diana - Eu chego tarde a casa e não estou lá tempo quase nenhum...as aulas são até tarde...janto tarde e no dia seguinte tenho que me levantar cedo e então já não vou. Vou para a cama.

Eu - Para além da escola e escuteiros têm mais alguma actividade?

Cristiana - Eu tenho viola.

Cristiana - Catequese, tenho a missa, sou acólita.

Pedro - Eu já andei no andebol mas agora já não ando.

Cristiana - Ao sábado nunca estamos em paz...é muito andado quase que não estou uma hora em casa.

Diana - Nós também queremos um espaço para nós fazermos aquilo que queremos...

Eu - E o que é que vocês querem fazer nesse tempo que é só vosso?

Cristiana - Às vezes dormir.

André - Eu gosto de jogar computador, gosto de passar o tempo a jogar...

Pedro - Gosto de estar com os amigos, mas o tempo que é só meu gosto de passar...(risos) olha, nos meus jogos...

Diana - Eu gosto de estar na natureza, observar o que se passa e isso...

João - Eu gosto de jogar com o Pedro no computador.

Pedro - Eu prefiro jogar à bola com os amigos ao ar livre do que estar a jogar computador em casa, mas quando não tenho essa possibilidade fico em casa a jogar...

André - Depende se estou em casa estou com amigos num espaço amplo.

Também gosto bastante de moda, às vezes fotografo coisas. Eu ando numa estudaria...e gosto desse tipo de coisas.

Cristiana - Ler nas férias.

Diana - Eu gosto de ler mas não sob pressão...Por exemplo, estamos a ler um livro na escola...eu gosto do livro só que não tenho tempo e não gosto de ler tudo à pressa, gosto de perceber as coisas...

Pedro - Eu não gosto de ler histórias...gosto de ler o jornal actual uma coisa que me interesse...(risos) não gosto muito de ler uma história...gosto de ler atualidades, o que se passa.

Diana - Eu gosto de ler coisas criminais...investigação e isso... policiais.

Eu - O que é que vocês perspetivam para a vossa vida? Vocês estão no 9º/10º ano.

Pedro - É uma decisão do 9º para o 10º e não sei o que escolher, tenho que ver o que tem mais saída e mesmo assim quando acabar não tenho ideia no que vou trabalhar ...se arranjo emprego...não tenho essa ideia.

Andre - Eu não faço ideia.

Cristiana - Este ano é um bocado difícil...estou no 9º ano...só posso escolher coisas que têm a ver com as minha notas e as minhas notas não são as mais altas...hmm...é muito difícil ainda não sei...

- Eu escolhia o curso que eu mais gostos e tem mais saídas, o curso de tecnologias.

Eu - E tu?

João - Não sei.

Eu - A Diana gosta de filmes policiais.

Diana - Eu gostava de ser veterinária e ligada à investigação das Biotecnologias.

Cristiana - Por gosto mas não tem muitas saídas, era ser atriz.

André - Eu também... Eu já tirei essa ideia de parte...não ia ter futuro.

Eu - Vocês não vêem a possibilidade de fazer isso no vosso tempo livre como forma de lazer? O lazer serve para nós nos divertirmos...vocês sentem que representar vos dá prazer...

André - Nós também temos que ir para uma coisa que gostemos de fazer.

Pedro - Muita gente está lá e depois não gosta de lá.

Cristiana - Também gostava de humanidades mas atriz era mesmo o que gostava.

André - Podes ser famosa... (risos)

Sobre escuteiros.

Eu - Acham que a crise de que tanto se fala é uma preocupação também vossa, ou não?

Cristiana, - Claro...

Diana- Quando tal estamos num trabalho, temos que ter cuidado...também precisamos de uma formatura...de nos formarmos...até aí também está complicado porque quem não tiver dinheiro para ir para a universidade.

Eu -O que entendem por crise?

Diana - Falta de dinheiro

crisiana- Eu acho que a crise não é tanto como eles dizem...nós passamos nos restaurantes e isso e aquilo está cheio.

Eu - Agora cada um de vocês pode pensar na vossa família...vocês já tomaram algumas medidas no sentido de se precaverem relativamente à crise?

Diana - Começamos a poupar em coisas pequenas e juntar dinheiro.

Cristiana - Para mim é um bocado complicado, a minha irmã está a entrar na universidade e não é nada barato, então temos de pensar em pôr dinheiro de parte e dar-lhe a oportunidade de estar. Eu posso não ter essa oportunidade mas ela acho que tem...

Eu - Vocês fazem muitas exigências os pais?

Cristiana - Não, não, desde pequenina.

Diana - Temos que pedir só o que precisamos...por exemplo, tem umas sapatilhas de 10€ e tem umas de Adidas de 500€ e não temos que escolher as de 500€ só porque são da Adidas, não escolhemos as outras que por vezes até são melhores.

André - Muita gente começa a desistir...então se eu não vou ter futuro para quê vou estar a estudar...

Cristiana - Podemos não ter na nossa área.

Diana- Não devemos desistir...podemos ficar mais tristes mas desde que tenhamos um emprego...

Cristiana- Até porque posteriormente podemos atingir o nosso objetivo.

João - Pois!!

Pedro - A crise não é falta de dinheiro...é a falta de emprego...se as pessoas estiverem empregadas com o salário conseguem gerir as coisas...só se forem as dividas ao longo dos anos...mas é falta de gestão das pessoas e não só do país...as pessoas têm que gerir o seu próprio dinheiro...o país não gere o dinheiro das pessoas.

Eu - Têm mesada?

João - Eu não.

Pedro- Eu não.

Cristiana - Eu tenho um mealheiro...(risos) que tiro os trocos aos meus pais...(risos).

Diana - Eu por exemplo uma coisa custa 9€, a minha mãe dá-me 10€ e eu fico com o troco para mim.

(risos)

André- Pomos de par te os trocos.

André- Os pais compram quando nós pedimos.

João - Eu não.

Era importante terem mesada?

Diana - Não.

André - Não.

Cristiana - Não.

Pedro - Depende do ponto de vista...no ponto de vista de sabermos gerir o nosso dinheiro...Estou a receber, vou a um bar e numa noite já gasto ou então vou guardar que é o que prefiro.

Diana - Mas sem mesada também é a mesma coisa...vamos juntando...

Pedro - É a mesma coisa que um ordenado.

Cristiana - Vamos juntando dinheiro e depois gastamos se precisarmos.

Pedro - Juntar quem junta...há quem não junte.

Pedro - Gasta mas sabe que vai receber outro... Não há muita crise se os dois do casal trabalharem.

André - A crise é também das pessoas, nós temos culpa mas os governantes é que têm culpa. Eles é que deviam pagar e não o povo. As pessoas acreditaram neles.

Pedro - As pessoas estão habituadas a gastar e agora as pessoas não compram, as lojas não vendem e fecham e despedem empregados, esses empregados não têm emprego e não vão comprar tantas coisas e dá voltas e voltas vai acumulando.

Cristiana - Também há aqueles que tinham uma boa vida, que fazem-se de pobres e tem os escalões que não pagam nada...e roubar o país.

Eu - E a educação acham que está em crise? É importante e que se deve apostar?

Diana- Acho que tem apostado nisso nos cursos profissionais.

André - Ir para a universidade é muito importante.

Cristiana - É importante.

Pedro - Não é essa a questão...se nós não temos muito o hábito de estudar...

Cristiana - Só deve ir quem tem cabeça e não quem não tem dinheiro.

Pedro - Eu se fosse para a universidade, sozinho sem os meus pais, quando chegasse a casa, de certeza que não ia pegar nos livros.

Eu -O que ias fazer?

Pedro - Ia jogar computador, se calhar nem ia para casa...ia ter com os meus amigos, de certeza que não ia estudar...eu não gosto muito de estudar...

Quando estou com os meus pais eu sei que é a minha obrigação estudar mas...sozinho...é aquela coisa (risos) eu sei que se for para lá...para a universidade eu acho que só vai quem gosta de estudar. Se for sem gosto...não...

Cristiana - Mas cada vez há menos pessoas e tudo isso porque...não é só a educação dos pais, mas também da escola...há cada vez mais mal comportados que não querem saber de estudar, pequeninos do 5º a mandar vir com os grandes, porque...a mandar vir com eles...é cada vez pior...

André - Não se pode dar uma lapada...

Eu - O que vocês acham da lapada?

Diana - Na altura certa não faz mal...mas estar sempre a bater todos os dias por tudo e por nada...

(risos)

Cristiana- Se merecermos e estivermos a abusar...

Cristiana- Podemos naquele momento detestar os pais mas ao mesmo tempo vemos que eles têm razão...

Diana - Eu acho que primeiro se deve falar e só em casos extremos...bater...não sou apologista de bater.

2ª sessão – Focus group - pioneiros

Eu: O que é para vocês frequentar os escuteiros?

Alexandra - Eu acho que vale a pena...porque cada atividade que fazemos bem estamos a dar um pouco mais de nós...aprende-se mais e planeamos as nossas actividades acho que é bom e temos mais responsabilidades.

André - Estamos a conviver ao sábado... Aqui criamos o hábito...

Pedro - É uma atividade para nos divertirmos também...com outro tipo de amigos que não os da escola...fazemos outro tipo de actividades...passamos um bocado de tempo, para não ficarmos em casa.

Rubem - É para estar com os amigos.

Alexandra - Por exemplo, muita gente diz, há para ir só lá a visitas e ir a todo o lado...não concordo, nós aqui fazemos outro tipo de actividades que se calhar se estivéssemos em casa ninguém fazia...é uma forma de ocupar o tempo em vez de estarmos a ver televisão ou no computador, estamos aqui a socializar...aprende-se mais.

André - Aprende-se a lidar com pessoas, com personalidades bastante diferentes e as pessoas explicam um bocadinho do que gostam...muita gente não sabe o que é o escutismo.

Bia - Muita gente devia saber o que é o escutismo em si, “Andas nos escuteiros...que seca...não sei o quê”, e eu “é seca porque nunca estiveste lá para saber o que fazemos”. O que as pessoas sabem é uma coisa mas nós sabemos que a realidade é outra.

Eu: Então vocês já cá estão há muito tempo?...

Alexandra - Acho que é mais fácil integrarmo-nos desde pequenos do que mais velhos...também nos adaptamos mas conhece-se toda a gente, muito mais fácil.

Bia - Estamos muito mais ligados aos chefes.

Eu: Quando escolherem os escuteiros escolheram porquê? Foram os vossos pais, foram os amigos que andavam, como foi?

Bia - Eu lembro-me, a mim foi, andava na catequese a chefe Joana vestida de fada madrinha e convidou...eu fiquei logo “ui, que fixe!!!”...os meus pais disseram “Oh! Vai-te cansar” e eu entrei e não e já estou aqui há quase 9 anos...e não...gosto de andar aqui e não porque me obrigam...

Alexandra - A mim também foi na catequese... entregaram uns panfletos. Quando cheguei a casa disse aos meus pais que queria... que queria ver... e eles... Eu já tinha bastantes atividades no meu horário e eles viram aquilo como mais uma e que iria

desistir muito facilmente, mas depois perceberam que não... eu também não era muito disciplinada e então deixaram e eu ainda cá estou.

André – Não sabia o que isto era, valeu a pena e quero continuar. A mim foi uma amiga que me aconselhou, quis experimentar, gostei e depois continuei.

Pedro – A mim foi a filha dos amigos meus... quando ia a casa deles, eu costumava estar com ela... ela nunca estava... eu perguntava onde ela estava... estava nos escuteiros e eu pronto... perguntei como se entrava para lá, sabia que ela fazia acampamentos... eu gosto desse tipo de coisas... andar assim na rua e explorar... e entrei para aqui e gostei.

Ruben – A mim foi por um amigo, ele andava cá também e já estou aqui para aí há 7 anos.

João – Eu foi pela catequese, já cá estou desde o início.

Eu: Acham que isto tem algum interesse para a vossa vida? Tem influência?

Bia – Eu gostava de me manter aqui, o tempo que eu puder estar eu estou, se alguma coisa me impedir de eu vir... ali só se for mesmo extrema e que eu desista. Porque eu acho que nos escuteiros se aprende bastantes coisas... aprendemos a melhorar a nossa personalidade... uma das coisas boas em termos das relações criadas entre nós é que nós conseguimos ter ----- e podemos dizer aos outros o que achamos mal, o que devemos mudar entre os nossos chefes e já me disseram há muitos anos, e ao longo dos anos foram dizendo o que eu tinha de mudar e eu fui tentando mudar essas coisas.

André – Acho que é importante para o nosso futuro, nós aprendemos bastantes coisas... não só ---- somos todos colegas... Quero manter-me aqui muitos mais anos até acabar... acho que é bom aprendermos valores, aprendemos a relacionar-nos com as pessoas que têm personalidades totalmente diferentes e ... aprendemos muitas coisas acerca da vida, que não é tudo um mar de rosas... temos que trabalhar para isso.

Pedro – Eu quero me manter aqui sempre que puder, sei que às vezes pode não ser fácil, vamos passar uma fase da vida que vai começar a travar... não sei quando vou começar a trabalhar... temos atividade ao sábado de manhã... muitas vezes o trabalho também é ao sábado de manhã... não sei o futuro mas sei que enquanto puder eu quero vir aqui... quero estar aqui... muitas vezes o que nos agarra aos escuteiros são os amigos e as pessoas que cá estão.

Ruben – Eu também quero vir para aqui... mas não sei se vou continuar... mas quero estar muitos anos.

Eu: Acham que isto é uma obrigação?

André - Não!

Bia - Não!

Pedro – Não. não, se fosse o caso... isto aqui, ninguém está por obrigação. Quem não quiser estar aqui diz facilmente aos pais, acho eu... até porque é um bocado diferente... (riso) isto é outro tipo de convívio... somos amigos, temos atividades diferentes.

Eu: Estas atividades são uma forma de lazer ou são muito organizadas que não têm muita escolha?

Pedro – Acho que são as duas coisas, é o nosso lazer com as regras dos escuteiros... por exemplo, logo vamos fazer um teatro, logo à noite, com as regras dos escuteiros, mas é um modo de lazer... nós gostamos de fazer teatro... é uma coisa que nós gostamos...

Não são bem regras... são coisas impostas é sobre o Natal... fazemos o pai natal... (risos)

Eu: Vocês necessitam de limites? Aprendem várias coisas que são importantes para a vida pessoal?

Pedro – Por vezes, há coisas que nós não queremos muito fazer... mas ao termos que fazer acho que passamos a gostar dessas coisas...

Eu: Então vocês acham que por serem escuteiros são diferentes?

Pedro – Ah eu acho!

Alexandra - Eu ao longo do tempo modifiquei muito... as pessoas dizem “oh eras tão tímida, não falavas com ninguém e agora falas e tudo...” e era, eu lembro-me quando era pequenita chorava em todos os acampamentos... eu não queria vir... tinha medo... (risos) tinha saudades...

Bia - Eu era muito tímida... conhecia uma pessoa, amigo da minha mãe, quando queria alguma coisa eu pedia à minha mãe para pedir a eles... eu não tinha coragem... Agora já tenho!

André – Eu também era muito tímido, agora estou melhor...

Eu: Organização do vosso tempo em relação ao lazer durante a semana?

Bia – Vou para a escola de manhã e volto à noite, estou com os meus amigos à sexta e ao sábado... durante o fim de semana ----- domingo é para a família.

Ruben – Escola ----- chego à tarde... vou para casa janto... ao sábado-----

Eu: Quais são os vossos grupos de amigos?

João – Acho que faz de conta que quem anda aqui nos escuteiros anda porque gosta e porque tem uma personalidade.

Bia – Personalidade é aqui e na escola... Estar com os amigos aqui ou na escola é igual, só se mudam os assuntos...

André – Não é só os assuntos mas também as brincadeiras são bastantes diferentes... Conhecemo-nos mais, as conversas são interessantes e não temos o receio... ups estão a olhar para nós...

Bia - Eu estou a tirar o curso de cozinha, eu espero chegar a chefe de cozinha e aqui espero chegar a chefe dos escuteiros.

----- um bocado as coisas

Eu: Não sei se querem dizer mais alguma coisa...

André – Eu aqui descobri uma coisa que não sabia, a paixão pela representação, o teatro.

Pedro – Lá está! Por vezes somos obrigados a fazer alguma coisa... também descobrimos coisas que não gostávamos mas que gostamos. Por exemplo o teatro, se não fosse aqui nos escuteiros, se calhar na escola não íamos tar a fazer teatro... (risos). Aqui fazemos e ao executar vemos que gostamos!

Eu: Nas atividades vocês acham que vou é dada autonomia para fazer ou-----

Pedro - Nós fazemos porque gostamos...

André - Só nos dizem a atividade e, por exemplo, o teatro, e nós é que escolhemos, vamos buscar o tema que mais gostamos...

3ª sessão – Focus group - Caminheiros

Sou a Fabiana tenho 20 anos, ando no 12º ano a tirar um curso de Técnico de apoio à Infância, tenho um irmão mais novo de 15 anos.

Sou a Joana tenho 20 anos, moro na arrifana, estou a tirar um curso no 12º ano , a curso é de Comunicação Marketing e Publicidade, tenho um irmão mais novo...o João dos pioneiros.

Sou o João tenho 19 anos estou num curso de Hotelaria no CEI, tou no último ano e sou filho único.

Sou a Sónia tenho 19 anos moro em Arrifana estou no 1º ano de Gestão e tenho uma irmã mais nova, que também anda nos escuteiros a Cristiana dos pioneiros.

Eu: O que é o lazer?

Fabiana: É uma espécie... espaço em que nos encontramos todos e fazemos uma determinada coisa que gostamos.

Sónia: fazemos o que gostamos com quem gostamos.

Eu: Como fazem a gestão do vosso tempo?

F: Primeiro está a escola não é!... (risos)

J: É...

Eu: A escola é um bicho papão

F: Por acaso é (risos) só traz trabalhos.

J: Nas tardes livres, não ter nada para fazer

Eu: O que é não ter nada para fazer?

J: É.

F: Sem nada para fazer é estar em casa e não fazer nada (risos)

Joa.: Ver televisão deitada no sofá!

Joana: Nas redes sociais.

F: Quando não tenho nada para fazer estou nas redes sociais.

Eu: Vocês acham que esse espaço, esse tempo que é vosso, deitado no sofá acham que...como lidam com o contacto com os amigos e presencial...nas redes sociais...

Sónia: Nas redes sociais é uma forma de estar com eles (amigos).

Fab: Podemos estar nas redes sociais...mas não é a mesma coisa

Joana: Quando não temos oportunidade de sair com os nossos amigos...

Eu: Então como é que vocês fazem...quando saem da escola...

João: De manhã tenho que estar na escola por volta das 8 e saio da escola por volta das 6, vou para o ginásio 2 horas...vou para casa as 8 ou 8:30 por aí...depois estou com os meus pais a falar e assim...

Sónia: É um bocado monótono, é casa escola e escola casa.

Fab: É...é mesmo para estar com a família...

Joana: É mesmo à noite ao jantar um bocadinho antes

Fab: É mesmo à hora do jantar! Saímos tarde da escola.

Eu: E fim-de-semana:

Joana: Temos mais tempo.

Fab: Dá tempo para tudo...(risos)

João: Escuteiros de manhã...à tarde vou para o grupo de precursor...

Eu: Onde?

João: S. João nos Ecos Urbanos, também sou lá voluntário...eh...e para a noite é sair...

Eu: Onde?

Fab: Bares, discotecas... (risos)

João: Nos bares, é...é...

Joana: Aos sábados de manhã é escuteiros e aproveito também para fazer alguns trabalhos da escola e por tudo em ordem...ao domingo é mesmo para...descansar para um domingo é...

Fab: Sagrado...

Joana: É descanso total.

Eu: E saídas?

Joana: É raro...eu não saio, sou mais caseira...

Fab: Ah eu...(risos) o meu fim de semana é um carnaval...

Risos

Risos

Fab: ...Ora bem, ao sábado de manhã tenho escuteiros não é...Depois tenho que ir para casa arrumar...depois de arrumar preparo-me para a noite e tal e vou para a noite. No domingo chego vou dormir...até tarde...(risos) almoço e tenho a tarde toda para a família, às vezes costumamos ir para Aveiro onde temos família e jantamos todos juntos, outras vezes ficamos em Arrifana em casa.

Sónia: O meu fim-de-semana é passado em casa porque estou toda a semana fora e aproveitou para estar com a família e assim...o sábado é os escuteiros de manhã, vou para casa fazer as coisas que tenho em atraso e ao domingo se tiver que estudar...senão aproveito para passear com os meus pais.

Eu: E namoros

Fab: Ah, não há!!

Sónia: Não...

João: Não...

Fab: Há aquela...curtezita...namorar dá muito trabalho nesta idade.

Risos

Risos

Fab: Nesta idade a gente quer é divertir-se...agora namoros?...

Joana: Antigamente já estávamos a ter um filho.

Fab: Pois lá está...

João: Era antigamente...

Fab: E a gente quer é divertir!

Sónia: Atualmente é 25/30.

João: Mas pode acontecer.

Fab: Já vi raparigas com 18 anos grávidas.

João: já vi 3 ou 4...

Eu: E os lugares onde vocês se juntam são importantes?

Fab: Eu acho, a praça.

João: Vamos para conversar e calmo com música.

Eu: E a igreja?

João: Isso é que é mais complicado... (risos)

Joana: Já fui mais ligada á igreja do que estou agora.

João: A minha catequese foi só até ao 5º ano...Já se vê o interesse pela igreja.

Eu: Vocês estão nos escuteiros pelo facto de este grupo estar ligado à igreja?

Fab: Durante a semana não dá...é muito trabalho...mas ao fim de semana, quando estamos aqui, aí sim sinto-me ligado, mesmo quando vamos à eucaristia de domingo, aí sinto-me mais ligado...

João: Se tiver companhia...

Joana: Os escuteiros acabam por puxar um bocado.

João: E acho muito bem!...

Joana: Mas se pensamos que é uma obrigação...escuteiros—temos que ir à missa...(indecisão)

Eu: A fé tem a ver com a igreja em si ou os escuteiros é uma forma de fé?

Joana: É uma forma para nós continuarmos...

Eu: Então pergunto, o que é ser escuteiro?

Fab: Primeiro para socializar não é... (risos)

João: Ajudar os outros.

Fab: Ajudar, servir...

Vocês pensam nos ideais do Baden P. nas questões da natureza?

Joana: Já ouvimos há tanto tempo que já fica.

Fab: É educação.

João: Estou há pouco tempo mas também acho que é educação.

Eu: Dizes pouco tempo João, há quantos anos?

João: 2

: 6,7,7

Eu: Que imagens as pessoas têm relativamente aos escuteiros?

João: São todas boas...

Fab: Os meus amigos da escola: “escuteiro de saia...não sei quê”, eu digo “tá calado ser escuteiro até é porreiro”. Neste momento até já gostam...

Sónia: Nós eramos muito criticados pela maneira como nos vestíamos e depois por sermos como hei de explicar, por ajudarmos os outros.

Fab: É.

Joana: A juventude de hoje não é muito...Existem aqueles que não querem fazer nada...eu por exemplo sou a única na turma que sou escuteira e fui um bocado criticada porque era considerada como “betinha”...Eles pensam que nos escuteiros é tudo certinho...

Eu: E vocês o que acham?

Não.

Não.

Não.

Fab: (risos) o que eu sou aqui também sou lá fora (risos).

Eu: Vocês acham que é um “regime militar”?

João: Depende dos chefes.

Eu: Sim?

João: Em S. João acho que não tem nada a ver com os daqui.

Sónia: Acho que temos a vantagem de os nossos chefes serem novos, acho que quanto mais velhos...mais idade mais exigentes acabam por ser.

Joana: Mas em geral não é uma tropa.

Sónia: Não andamos aqui...eh!!

Fab: Acho os escuteiros uma escola de educação! Por exemplo: uma criança entra, começa com mais ou menos 6 anos ainda numa fase de crescidinho aqui aprende milhentas coisas e sai daqui uma pessoa completamente mudada não por ser um regime militar mas por aquilo que aprendem...

João: Mais respeitada...

Eu: O que se aprende aqui?

Joana: O sentido de responsabilidade.

Fab: Socializar...eu no início quando entrei para os escuteiros (risos) era muito tímida (risos), quando falavam para mim ficava logo vermelha... (risos)

Joana: Eu também era muito tímida mesmo, afastava-me do grupo...não tinha receio...não sei..tinha vergonha...achava que os outros eram superiores a mim. Mas com o passar dos anos a entrada nos escuteiros fez-me bem.

João: Aprendes muita coisa, até a fazer uma mesa e assim.

Sónia: Aprendemos a viver lá fora.

Os ensinamentos dos escuteiros ajudam-vos na vossa vida enquanto jovens?

Fab: Sim por exemplo quando uns rapazes deitam lixo para o chão e eu chamo à atenção que não se deve fazer eles por vezes começam logo “és escuteira, pensas que mandas”, não mando mas apanho o lixo.

João: Respeitamos mais a natureza.

Eu: Vocês vieram para os escuteiros porque os vossos pais mandaram?

Não

Não

Não

Joana: O meu irmão entrou primeiro e eu via as atividades e interessei-me e pedi aos meus pais.

João: Eu foi por causa das minhas primas. Elas iam e depois comentavam.

Sónia: A minha irmã entrou e eu não por causa da idade. Eu primeiro estava reticente não sabia se ia ter amigos, se me ia integrar naquilo e os meus pais disseram “vai se gostares ficas”...e fui sempre...nunca mais...

Fab: Eu era amiga da chefe há muitos anos e ela quando decidiu abrir a secção perguntou se eu não queria vir...e cá estou.

Risos

Eu: E vocês acham que é uma seca?

Não

Não

Não

Joana: Se pensássemos assim que era uma seca ficávamos a dormir em casa...

João: É um esforço que estamos a fazer.

Eu: O que vos leva a manterem-se aqui e o que podem fazer no futuro?

Joana: O que mantem aqui são os amigos...

João: É...é mais isso...

Fab: Aprendemos a tal sobrevivência e a responsabilidade.

Sónia: Em vez de estarmos em casa deitados entre quatro paredes...aqui saímos.

João: Até quando puder venho sempre aqui.

Joana: Vou estar sempre ligada aqui, a minha mãe é chefe. Também estou a acabar o curso e se arranjar trabalho depende se tenho o sábado livre...

Fab: Sempre que pudermos...

Sónia: Quando pudermos aparecemos.

Fab: Isto é uma segunda casa.

João: Terceira casa (falta a escola).á fazemos parte da mobília... (risos)

Vida no futuro

Risos, risos

Fab: Estou mais confusa, oh pá estou a acabar este curso, vou tentar ganhar a minha independência ou gostava de estudar o que mais gosto (artes – Fotografia).

Joana: Penso estar a trabalhar (não era servir ao balcão) gostava mesmo de estar a trabalhar na área da publicidade...as coisas estão difíceis mas espero ter um emprego, ter a minha casa, não quero viver sempre em casa dos meus pais (risos). Quero ter a minha independência e depois arranjar um companheiro.

Risos, risos

Fab: Dê-me o seu número de telefone para irmos beber um copo.

Caraterização do grupo de pioneiros

Nome	Idade	Nº anos escuteiros	Residencia	Escolaridade
João	15	9	Arrifana	9º ano
Cristiana	14	7	Arrifana	9º ano
Diana	15	9	Fiães	10º ano
André	14	7	Arrifana	9º ano
Pedro	16	9	Arrifana	10º ano
Beatriz	14	7	Arrifana	9º ano
Ruben	15	7	Arrifana	9º ano
Alexandra	15	9	Arrifana	9º ano

Categorias

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Tempo livre	<ul style="list-style-type: none"> - Estar sempre positivo - esquecer tudo o resto - fazer alguma coisa que gostamos - é quando estamos mais com a família -Vamos levar a minha irmã à Universidade e depois acabou. - Eu por acaso é só ao domingo que estou mais com a minha família - Às vezes dormir - jogar computador, gosto de passar o tempo a jogar... - o tempo que é só meu gosto de passar...(risos) olha, nos meus jogos... - gosto de estar na natureza, observar o que se passa e isso - prefiro jogar à bola com os amigos ao ar 	

	<p>livre</p> <ul style="list-style-type: none"> - Também gosto bastante de moda - às vezes fotografo coisas - Eu gosto de ler mas não sob pressão - gosto de ler o jornal - gosto de ler atualidades, o que se passa. - gosto de ler coisas criminais...investigação e isso... policiais 	
Lazer	<ul style="list-style-type: none"> - Passar bem as horas e não dizer nunca mais passam estas horas. - O lazer é nessas horas não sentirmos o tempo a passar - Tenho viola, catequese é que sou acolita 	

Contextos de lazer

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Amigos	<ul style="list-style-type: none"> - Os amigos para mim é mais à semana - Estar com eles - se estamos com eles sentimos que eles nos estão a ouvir - Ver as expressões, a explicar é mais fácil - Falar é mais fácil do que escrever - É uma pessoa em quem podemos confiar, podemos dar conselhos, não vai dizer a toda a gente o que nós dissemos, apoia-nos nos maus e nos bons momentos - Não tem medo de dizer coisas que sabe 	

	<p>que são para o nosso bem</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoia-nos nos bons e maus momentos - Chora connosco se for preciso...preocupa-se... 	
Lugares/ contextos	<ul style="list-style-type: none"> - Shopping - cinema, - ir para a Praça; passear na praça - de bicicleta (Pedro, João) e se chover estamos em casa um do outro. - os parques de lazer, - Quinta da Jana. - Estamos sempre em casa - computador para falar com os amigos - Os mais velhos é que vão para os bares. <p>Igreja:</p> <p>uma regra geral que vamos à missa com próprios os escuteiros é uma vez por mês...encontramo-nos todos na igreja para ir à Eucaristia...</p> <ul style="list-style-type: none"> - Por vezes ficamos mais um bocadinho, os nosso pais ficam um bocado à espera... - Os nossos pais esperam um bocadinho 	

Tempos de lazer

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Escola		
Outros tempos	<ul style="list-style-type: none"> - Eu tenho viola - Catequese, tenho a missa, sou acólita - Ao sábado nunca estamos em paz...é muito andado quase que não estou uma hora em casa. 	

	- Nós também queremos um espaço para nós fazermos aquilo que queremos...	
--	--	--

Identidade como escuteiros

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Ser escuteiro	<p>“para mim ser escuteiro é ajudar as outras pessoas, quando possível, conviver, bem aprender um pouco mais o sentido de justiça, fazer acampamentos...” (A.p)</p> <p>“ser escuteiro é também saber respeitar os outros, acho que a base do escutismo é o respeito e é saber estar em sociedade e aprendermos a ser melhor...” (B.p)</p> <p>“para mim ser escuteiro é uma outra forma de nos darmos aos outros. Convivo com pessoas que nos ensinam coisas novas, aprendemos coisas novas.” (An.p)</p> <p>“para mim ser escuteiro é mais estar com os amigos, aprender coisas novas, estar mais activo.” (P.p)</p> <p>“ser escuteiro é estar com os amigos” (J.p)</p> <p>“É estar com os amigos e ajudarmos.”R.p)</p> <p>“Eu ao longo do tempo modifiquei muito... as pessoas dizem “oh eras tão tímida, não falavas com ninguém e agora falas e tudo...” e era, eu lembro-me quando era pequenita chorava em todos os acampamentos... eu não queria vir...</p>	

	<p>“tinha medo... (risos) tinha saudades...” (A.p)</p> <p>“Eu era muito tímida... conhecia uma pessoa, amigo da minha mãe, quando queria alguma coisa eu pedia à minha mãe para pedir a eles... eu não tinha coragem... Agora já tenho!” (B.p)</p> <p>“Eu também era muito tímido, agora estou melhor...” (An.p)</p> <p>“Eu aqui descobri uma coisa que não sabia, a paixão pela representação, o teatro.” (An.p)</p> <p>“Por vezes somos obrigados a fazer alguma coisa... também descobrimos coisas que não gostávamos mas que gostamos. Por exemplo o teatro, se não fosse aqui nos escuteiros, se calhar na escola não íamos tar a fazer teatro... (risos). Aqui fazemos e ao executar vemos que gostamos!” (P.p)</p>	
<p>Atividade nos escuteiros</p>	<p>“Eu acho que vale a pena...porque cada atividade que fazemos bem estamos a dar um pouco mais de nós...aprende-se mais e planeamos as nossas atividades acho que é bom e temos mais responsabilidades.” (A.p)</p> <p>“Estamos a conviver ao sábado... Aqui criamos o hábito...”(An.p)</p> <p>“É uma atividade para nos divertirmos também...com outro tipo de amigos que não os da escola...fazemos outro tipo de atividades...passamos um bocado de tempo, para não ficarmos em casa.” (P.p)</p> <p>“É para estar com os amigos” (R.p)</p> <p>“nós aqui fazemos outro tipo de atividades que se calhar se estivéssemos em casa ninguém fazia...é uma forma de ocupar o</p>	

	<p>tempo em vez de estarmos a ver televisão ou no computador, estamos aqui a socializar...aprende-se mais” (A.p)</p> <p>“Muita gente devia saber o que é o escutismo em si.” (B.p)</p> <p>“O que as pessoas sabem é uma coisa mas nós sabemos que a realidade é outra.” (B.p)</p> <p>“Acho que é mais fácil integrarmo-nos desde pequenos do que mais velhos...também nos adaptamos mas conhece-se toda a gente, muito mais fácil.” (A.p)</p> <p>“Estamos muito mais ligados aos chefes.” (B.p)</p>	
--	---	--

Escuteiros escolha pessoal ou influenciada

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Escolha pessoal	<p>“andava na catequese a chefe Joana vestida de fada madrinha e convidou...eu fiquei logo “ui, que fixe!!!”...” (B.p)</p> <p>“gosto de andar aqui e não porque me obrigam...” (B.p)</p> <p>“A mim também foi na catequese... entregaram uns panfletos” (A.p)</p> <p>“A mim foi uma amiga que me aconselhou, quis experimentar, gostei e depois continuei.”(An.p)</p> <p>“A mim foi a filha dos amigos meus... perguntei como se entrava para lá” (P.p)</p> <p>“A mim foi por um amigo, ele andava cá também” (R.p)</p> <p>“Eu foi pela catequese, já cá estou desde o</p>	

	início” (J.p)	
Influenciada pela família	<p>“os meus pais disseram “Oh! Vai-te cansar” e eu entrei e não e já estou aqui há quase 9 anos” (B.p)</p> <p>“Quando cheguei a casa disse aos meus pais que queria... que queria ver... e eles... Eu já tinha bastantes atividades no meu horário e eles viram aquilo como mais uma e que iria desistir muito facilmente, mas depois perceberam que não...”(A.p)</p>	
Escuteiros como instituição (in)formal	<p>“Eu gostava de me manter aqui, o tempo que eu puder estar eu estou, se alguma coisa me impedir de eu vir... ali só se for mesmo extrema e que eu desista. Porque eu acho que nos escuteiros se aprende bastantes coisas... aprendemos a melhorar a nossa personalidade... uma das coisas boas em termos das relações criadas entre nós é que nós conseguimos ter ----- e podemos dizer aos outros o que achamos mal, o que devemos mudar entre os nossos chefes e já me disseram há muitos anos, e ao longo dos anos foram dizendo o que eu tinha de mudar e eu fui tentando mudar essas coisas” (B.p)</p> <p>“– Acho que é importante para o nosso futuro, nós aprendemos bastantes coisas... não só ---- somos todos colegas... Quero manter-me aqui muitos mais anos até acabar... acho que é bom aprendermos valores, aprendemos a relacionar-nos com as pessoas que têm personalidades totalmente diferentes e ... aprendemos muitas coisas acerca da vida, que não é tudo um mar de rosas... temos que trabalhar para isso.” (An.P)</p> <p>“Eu quero me manter aqui sempre que puder, sei que às vezes pode não ser fácil, vamos passar uma fase da vida que vai começar a travar... não sei quando vou começar a trabalhar... temos atividade ao sábado de manhã... muitas vezes o trabalho também é ao sábado de manhã... não sei o futuro mas sei que enquanto puder eu quero vir aqui... quero estar aqui... muitas vezes o que nos agarra aos</p>	

	<p>escuteiros são os amigos e as pessoas que cá estão.” (P.p)</p> <p>“Eu também quero vir para aqui... mas não sei se vou continuar” (R.p)</p> <p>“isto aqui, ninguém está por obrigação. Quem <i>não quiser estar aqui diz facilmente aos pais, acho eu... até porque é um bocado diferente... (riso) isto é outro tipo de convívio... somos amigos, temos atividades diferentes.</i>” (P.p)</p> <p>“Acho que são as duas coisas, é o nosso lazer com as regras dos escuteiros... por exemplo, logo vamos fazer um teatro, logo à noite, com as regras dos escuteiros, mas é um modo de lazer... nós gostamos de fazer teatro... é uma coisa que nós gostamos... Não são bem regras... são coisas impostas é sobre o Natal... fazemos o pai natal... (risos) (P.p)</p> <p>“Por vezes, há coisas que nós não queremos muito fazer... mas ao termos que fazer acho que passamos a gostar dessas coisas” (P.p)</p>	
--	--	--

Caraterização do grupo dos caminheiros

Nome	Idade	Nº anos escuteiros	Residencia	Escolaridade
João	19	2	Arrifana	12º ano
Joana	20	7	Arrifana	12º ano
Fabiana	20	6	Arrifana	12º ano
Sónia	19	6	Arrifana	1º ano ensino sup.

Categorias : Lazer e tempo livre

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Tempo livre	<p>“Sem nada para fazer é estar em casa e não fazer nada (risos)” (F.c)</p> <p>“Ver televisão deitada no sofá!” (Joa. c)</p> <p>“Nas redes sociais” (Joa.c)</p> <p>“Quando não tenho nada para fazer estou nas redes sociais.” (F.c)</p>	
Lazer	<p>“É uma espécie... espaço em que nos encontramos todos e fazemos uma determinada coisa que gostamos” (f.C)</p> <p>“fazemos o que gostamos com quem gostamos” (S,c)</p> <p>“Ah eu...(risos) o meu fim de semana é um carnaval” (F.c)</p> <p>“Escuteiros de manhã...à tarde vou para o grupo de precursão...” (J.c)</p> <p>“nos Ecos Urbanos, também sou lá voluntário” (J.c)</p>	

Contextos de lazer

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Amigos	<p>“O que mantem aqui são os amigos” (Joa.c)</p> <p>“Isto é uma segunda casa.” (F.c)</p>	

	<p>“Terceira casa (falta a escola).á fazemos parte da mobília... (risos)” (J.c)</p> <p>“Os meus amigos da escola: “escuteiro de saia...não sei quê”, eu digo “tá calado ser escuteiro até é porreiro”. Neste momento até já gostam...”(F.c)</p> <p>“Nós eramos muito criticados pela maneira como nos vestíamos e depois por sermos como hei de explicar, por ajudarmos os outros.” (S.c)</p> <p>“A juventude de hoje não é muito...Existem aqueles que não querem fazer nada...eu por exemplo sou a única na turma que sou escuteira e fui um bocado criticada porque era considerada como “betinha”...Eles pensam que nos escuteiros é tudo certinho...” (Joa.c)</p>	
Lugares/ contextos	<p>“nos Ecos Urbanos, também sou lá voluntário...eh...e para a noite é sair...” (J.c)</p> <p>“Bares, discotecas... (risos) “ (F.c)</p> <p>“Nos bares, é...é...” (J.c)</p> <p>“É raro...eu não saio, sou mais caseira” (Joa.c)</p> <p>“Eu acho, a praça.” (F,c)</p> <p>“Vamos para conversar e calmo com música.” (J.c)</p>	

Tempos de lazer

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Escola	<p>“Primeiro está a escola não é!... (F,c)</p> <p>“Por acaso é (risos) só traz trabalhos.” (F.c)</p> <p>“É um bocado monótono, é casa escola e escola casa.” (S.c)</p>	

	“tenho que estar na escola por volta das 8 e saio da escola por volta das 6,” (J.c)	
Outros tempos		

Identidade como escuteiros

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Ser escuteiro	<p>“O sentido de responsabilidade.” (Joa.c)</p> <p>“Socializar...eu no inicio quando entrei para os escuteiros (risos) era muito tímida (risos), quando falavam para mim ficava logo vermelha... (risos)” (F.c)</p> <p>“Eu também era muito tímida mesmo, afastava-me do grupo...não tinha receio...não sei..tinha vergonha...achava que os outros eram superiores a mim. Mas com o passar dos anos a entrada nos escuteiros fez-me bem.” (Joa.c)</p> <p>“ Primeiro para socializar não é... (risos)” (F.c)</p> <p>“Ajudar os outros.” (J.c)</p> <p>“ Ajudar, servir...” (F.c)</p>	
Atividade nos escuteiros	<p>“Aprendes muita coisa, até a fazer uma mesa e assim” (J.c)</p> <p>“Aprendemos a viver lá fora.” (S.c)</p> <p>“Respeitamos mais a natureza” (J.c)</p> <p>“o que eu sou aqui também sou lá fora” (F.c)</p> <p>“Acho que temos a vantagem de os nossos chefes serem novos, acho que quanto mais velhos...mais idade mais exigentes acabam por ser.” (S.c)</p> <p>“Mas em geral não é uma tropa.” (Joa,c)</p>	

	“Se pensássemos assim que era uma seca ficávamos a dormir em casa” (Joa.c)	
--	--	--

Escuteiros escolha pessoal ou influenciada

Subcategorias	Unidades de registo/ unidades de contexto	Frequência de ocorrências
Escolha pessoal	<p>“O meu irmão entrou primeiro e eu via as atividades e interessei-me e pedi aos meus pais.”(Joa,c)</p> <p>“Eu foi por causa das minhas primas. Elas iam e depois comentavam” (J.c)</p> <p>“A minha irmã entrou e eu não por causa da idade. Eu primeiro estava reticente não sabia se ia ter amigos, se me ia integrar naquilo e os meus pais disseram “vai se gostares ficas” ...e fui sempre...nunca mais” (S.c)</p> <p>“Eu era amiga da chefe há muitos anos e ela quando decidiu abrir a secção perguntou se eu não queria vir...e cá estou” (F.c)</p>	
Influenciada pela família	“Não” (todos)	
Escuteiros como instituição (in)formal	<p>“educação.”(F.c)</p> <p>“Estou há pouco tempo mas também acho que é educação.” (J.c)</p> <p>“Acho os escuteiros uma escola de educação! Por exemplo: uma criança entra, começa com mais ou menos 6 anos ainda numa fase de crescidinho aqui aprende milhentas coisas e sai daqui uma pessoa completamente mudada não por ser um regime militar mas por aquilo que aprendem...” (F.c)</p> <p>“Mais respeitada...” (J.c)</p>	